



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**

UFRJ

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE

COMUNIDADE E ECOLOGIA SOCIAL – EICOS

**USUÁRIA-GUIA: A PRÁTICA DO ESPORTE E A PRODUÇÃO DE VIDA PARA A
PESSOA COM DEFICIÊNCIA.**

Discente: Marcelle Carvalho Queiroz Graça

Orientadora: Nereida Lucia Palko dos Santos

Rio de Janeiro

2023

Marcelle Carvalho Queiroz Graça

**USUÁRIA-GUIA: A PRÁTICA DO ESPORTE E A PRODUÇÃO DE VIDA PARA A
PESSOA COM DEFICIÊNCIA.**

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa EICOS - Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título de mestre. Área de concentração - Psicossociologia da Saúde e Comunidades.

Orientadora: Nereida Lucia Palko dos Santos

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

G729u Graça, Marcelle Carvalho Queiroz
Usuária-guia: a prática do esporte e a produção de vida para a pessoa com deficiência / Marcelle Carvalho Queiroz Graça. -- Rio de Janeiro, 2023. 54 f.

Orientador: Nereida Lucia Palko dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2023.

1. psicossociologia. 2. prática esportiva. 3. pessoa com deficiência. 4. usuária-guia. 5. cartografia. I. Santos, Nereida Lucia Palko dos, orient. II. Título.

Banca Examinadora da Defesa do Mestrado

MARCELLE CARVALHO QUEIROZ GRAÇA

USUÁRIA-GUIA: A PRÁTICA DO ESPORTE E A PRODUÇÃO DE VIDA PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA.

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa EICOS - Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título de mestre. Área de concentração - Psicossociologia da Saúde e Comunidades.

ORIENTADORA:

PROF^a DR^a NEREIDA LUCIA PALKO DOS SANTOS – UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

MEMBROS:

PROF^a DR^a KATHLEEN TEREZA DA CRUZ – UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

PROF^a DR^a MARIA PAULA CERQUEIRA LEMOS – UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

PROF^o DR^o REGINALDO MOREIRA – UEL (Universidade Estadual de Londrina)

PROF^o DR^o TIAGO BRAGA DO ESPÍRITO SANTO - UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Data da defesa: 02/02/2023

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, por sua proteção ao longo da construção deste trabalho, principalmente, por ter passado por um período pandêmico possuir saúde para finalizá-lo, foi um privilégio.

A escolha do tema desse trabalho foi um desafio e ao mesmo tempo uma grande inspiração, especialmente, por poder cartografar a narrativa da participante do projeto desenvolvido por mim. O seu olhar me guiou para o verdadeiro significado de uma construção coletiva. E, por isso, quero agradecer a usuária-guia desta pesquisa e a sua rede de conexões existenciais pela confiança depositada em mim como profissional e pesquisadora.

Não posso deixar de agradecer ao corpo docente desse programa por possibilitar, instrumentalizar e capacitar os seus alunos para essa jornada e, em especial, para a minha orientadora, Nereida, que desde o início sempre acreditou no meu projeto. Nos momentos de estagnação me provocou e ao me desterritorializar me fez mergulhar no mundo de Espinosa, levando a expansão da minha potência e me mostrando que eu era capaz. Você foi à luz para o desenvolvimento da minha escrita. Minha mais profunda gratidão!

As amigas do IFRJ, em especial, a Adriana Sathler por ter me apresentado ao projeto na CDA e juntas realizarmos o projeto DesporTO em Ação: Terapia Ocupacional no Desporto e no Paradesporto, pioneiro no Rio de Janeiro. Ao escrever sobre amizade, não posso deixar de citar, Elen Neves, um presente potente do mestrado que serviu como alicerce na busca pelo conhecimento, nas trocas de ideias, nas risadas de desespero e a sensibilidade na escuta durante este percurso.

Agradeço a minha família por ter aceitado a minha ausência nos inúmeros momentos neste período e pelo incentivo ao longo dos desafios. Vocês são especiais, minha base para alcançar os meus objetivos.

RESUMO

Após integrar ao desenvolvimento do projeto de extensão denominado “DesporTO em Ação: Terapia Ocupacional no Desporto e Paradesporto” do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia (IFRJ) em parceria com a Comissão de Desporto da Aeronáutica (CDA) foi observado a partir do campo empírico, a prática esportiva para a pessoa com deficiência como uma experiência de descoberta de si e, como ferramenta na produção de potência de vida à corpos tradicionalmente considerados dissonantes e limitados. O objetivo do estudo é mapear o efeito do projeto na produção de vida da usuária participante. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem cartográfica, desenvolvida através da concepção da usuária como guia, e com a utilização das ferramentas do diário cartográfico e a entrevista, onde os temas guias perpassam pelos efeitos da participação no projeto, o viver no período da pandemia e o retorno às práticas desportivas pós-pandemia pela usuária-guia. Espera-se que esta pesquisa desperte o interesse em outros pesquisadores acerca das narrativas das pessoas com deficiência sobre a produção de vida e, que contribua a um novo olhar conceitual, desconstruindo a hierarquia social contemporânea, com respeito às diferenças na sua forma de produção de vida, além da reflexão sobre a importância da consolidação de uma sociedade inclusiva, onde a estigmatização, preconceito e discriminação sejam reconhecidos como violação dos direitos humanos.

Palavras-chave: Psicossociologia; prática esportiva; pessoa com deficiência; usuária-guia; cartografia.

ABSTRACT

After joining the development of the extension project called "DesporTO in Action: Occupational Therapy in sport and parasport" of the Federal Institute of Science, Education and Technology (IFRJ) in partnership with the Aeronautical Sports Commission (CDA) it was observed from the empirical field, the sports practice for the disabled person as an experience of discovery of themselves and, as a tool in the production of life power to bodies traditionally considered dissonated and limited. The aim of this study is to map the effect of the project on the life production of the participating user. This is a qualitative research, with a cartographic approach, developed through the user's conception as a guide, and with the use of the tools of the cartographic diary and the interview, where the guiding themes permeate the effects of participation in the project, living in the pandemic period and the return to post-pandemic sports practices by the guide user. It is expected that this research arouses interest in other researchers about the narratives of people with disabilities about the production of life and, which contributes to a new conceptual look, deconstructing the contemporary social hierarchy, with respect to differences in the way of life production, in addition to reflection on the importance of consolidating an inclusive society, where stigmatization, prejudice and discrimination are recognized as a violation of human rights.

Keywords: Psychosociology; sports practice; persons with disabilities; guide user; cartography.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. Objetivos.....	17
3. Justificativa.....	17
4. Contribuições.....	18
5. Fundamentação Teórica.....	18
6. Abordagem Metodológica.....	22
7. Resultados/Discussão.....	25
8. Considerações Finais.....	48
Referências.....	50
Anexos.....	53

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi inspirada na minha participação no projeto DesporTO em Ação: Terapia Ocupacional no Desporto e no Paradesporto¹, realizado no período de julho de 2016 a março de 2020, quando foi interrompido pela pandemia causada pela COVID-19². Neste período pude participar como terapeuta ocupacional (TO) e docente do curso de Terapia Ocupacional - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ), acompanhando o ingresso de sete participantes, todos ex-militares que foram reformados, desligados das suas atividades profissionais, devido à deficiência adquirida por doenças neurológicas, acidente de trabalho ou automobilístico.

Atualmente, os participantes possuem a faixa etária entre 27 a 65 anos. Na época do acometimento que levaram às deficiências, o recorte etário variava entre 19 e 34 anos. Destaco que os participantes estavam numa faixa etária onde socialmente é esperada “tomadas de decisões”, como as escolhas laborais e planejamento familiar, assim como em curso com a carreira militar e, diante das rupturas ocupacionais e do comprometimento na mobilidade, destreza motora, atividades de vida diária e instrumentais, devido à deficiência física³, esse grupo precisou reformular os seus objetivos de vida. A carreira profissional foi interrompida através do desligamento militar, como os planos pessoais que precisaram ser adaptados à nova realidade e, em alguns casos, relacionamentos desfeitos pela perda do parceiro no momento do acidente automobilístico ou por aqueles que não conseguiam lidar com a questão da deficiência do parceiro, todas essas questões precisaram ser trabalhadas para que dessem continuidade às suas vidas.

O projeto supracitado ocorreu nas instalações de treinamento da Comissão de Desportos da Aeronáutica (CDA) e na Universidade da Força Aérea (UNIFA), no Campo dos Afonsos, no estado do Rio de Janeiro, em parceria com o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Foi desenvolvido através de uma ação extensionista que propôs trabalhar com o esporte para as pessoas com deficiência com o objetivo de promoção de saúde, participação e inclusão social. Os encontros da Terapia Ocupacional aconteciam duas vezes na semana, mas os participantes tinham a sua rotina de treino estabelecida pelos técnicos das modalidades ao longo da semana.

¹ Projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFRJ, e aprovado em concordância com a Resolução CNS 466/12 e Resolução 510/16 sob o número de parecer 3.929.398.

² Os Coronavírus são uma grande família viral de RNA que podem causar doenças graves, como no caso da SARS-CoV que causa a síndrome respiratória aguda grave, cujo desfecho pode ser fatal. O novo Coronavírus (SARS-CoV-2) chamado de Coronavírus Disease 2019 ou COVID-19 descoberto em dezembro de 2019 na província chinesa de Wuhan, após se espalhar pelo mundo foi decretado em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma pandemia com impacto importante na saúde pública mundial (GODEIRO JUNIOR; FRAIMAN, 2020).

³ Classificado de acordo com a CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde - deficiências são problemas nas funções ou nas estruturas do corpo, tais como, um desvio importante ou uma perda e físicas - funções relacionadas às articulações, ossos e músculos no movimento (LEITÃO, A. 2004).

Por acontecer num ambiente militar o projeto acabou se limitando aos ex-militares, entretanto, a intenção não efetivada pela necessidade de ajustes nas instalações e recursos humanos, principalmente na assistência à saúde, era ofertar para a população em geral.

A dinâmica de funcionamento no projeto DesporTO em Ação iniciava com o ingresso do participante após a avaliação do médico - verificavam-se exames, doenças preexistentes, história clínica e condição para praticar atividade física, e depois pela equipe - responsável militar (tenente) em acompanhar os atletas, assistente social e os técnicos, incluindo o terapeuta ocupacional - parceria com IFRJ. No primeiro momento era realizada uma entrevista com o participante, tenente e terapeuta ocupacional, para coletar os seus dados pessoais e funcionais, o seu entendimento e interesse pelo projeto, como as suas expectativas e, em seguida, as modalidades esportivas eram apresentadas junto com os técnicos - natação, atletismo - corrida de velocidade, corrida de orientação, arremesso de dardo e peso, tiro com arco e bocha. A ideia era o participante experimentar todas as atividades esportivas e escolher aquela que se sentia mais motivado a praticar, sem um limite, podendo se dedicar a mais de uma modalidade.

Interessante relatar que, após a “condição de deficiente” e a influência do seu conceito, como já forjado pela sociedade e experimentado pela maioria das pessoas no senso comum de produzir a vida - vistos como pessoas passivas, limitadas pelo seu próprio corpo, improdutivos, sem capacidade para participar dos seus processos decisórios e sociais, excluídos de exercerem o seu papel de cidadãos, por aceitarem de alguma forma esses adjetivos, todos se sentiam incapazes de realizar as atividades esportivas (SILVA; OLIVER, 2019).

Nessa tendência, destaco os autores, Lanna e Martins (2010) que fazem uma reflexão sobre a atualidade e as denominações sofridas pela pessoa com deficiência. Relatam a influência dos modelos de cuidados anteriores, que se constituíam em perspectivas religiosas e médica, como o Modelo Caritativo - fortalecido pelo cristianismo no período da Idade Média, no qual, o sentimento de pena era sustentado, pois a pessoa com deficiência é vítima da sua própria “incapacidade” e o Modelo Médico - final do século XIX, baseado no Positivismo - valorização do saber médico, que visava a “cura” da deficiência para cumprir as exigências padronizadas pela sociedade.

Perante o exposto, criou-se na sociedade a ideia de que a pessoa com deficiência era “inválida” e impossibilitada de conduzir a sua própria vida, como também, ter uma participação social. E, mesmo no tempo atual é comum o uso de termos pejorativos, como, “aleijados”, “incapazes”, “defeituosos”, “deformado”, “anormais” e, desta maneira a própria pessoa com deficiência se sente insegura por assimilar todas essas denominações e inferiorizado por não alcançar os padrões “normativos” estabelecidos. Em vista disso, a equipe para romper com essa imagem negativa e encorajar os participantes a experimentarem as modalidades esportivas

utilizou como matriz conceitual do projeto DesporTO em Ação o Modelo Social da Deficiência.

O Modelo Social da Deficiência condiciona a exclusão da pessoa com deficiência com o resultado das barreiras arquitetônicas e atitudinais criadas pela própria sociedade e, tendo como grande desafio contemporâneo à construção de uma sociedade para todos - *Iguais na Diferença*. Incluindo o campo dos Direitos Humanos - político, civil, econômico, social e ambiental, organizada de forma que os serviços sejam acessíveis, inclusive o esporte (JUNIOR; MARTINS, 2010).

França (2013) em seu estudo sobre o Modelo Social da Deficiência aponta a concepção de deficiência como um fenômeno de natureza social e fortalece essa percepção ao descrever as falas de French e Depoy:

“a deficiência é vista como parte da diversidade humana e não como um traço indesejado a ser curado ou corrigido”
(FRENCH; DEPOY, 2000:2).

Na atualidade, não se pode apenas entender a deficiência como uma restrição das estruturas do corpo que levam a limitação na realização das atividades diárias e na participação da sociedade. Os desafios são maiores, como relatado pelos autores Barbosa, Santos e Silva (2010) ao apontar que as limitações sociais encontradas nas estruturas dos ambientes resultam na desigualdade entre as pessoas com e sem deficiência e, por Barnes (2013) que identificou a importância de somar os saberes biomédicos com o campo dos direitos humanos para promover a igualdade e alcançar a construção de uma sociedade mais inclusiva (DINIZ, SANTOS, 2010; DINIZ, 2013).

Importante trazer essas discussões para entender as opressões vividas pela pessoa com deficiência e o esforço da equipe em potencializar a produção para além de uma busca “inconsciente” pelos participantes em conquistarem o que está estabelecido pelo “padrão normativo” - visão capacitistas⁴. O projeto DesporTO em Ação caminhava para estimular à liberdade desse corpo, reconhecimento da sua própria existência e sentir novas experiências, como uma forma de ressignificação e esquecimento da exclusão vivida até aquele momento.

Esta experiência não focou apenas na minha atuação isolada como terapeuta ocupacional para melhorar o desempenho do atleta na modalidade escolhida. Os encontros da equipe (atletas e profissionais) promoviam uma relação entre as nossas forças, que Deleuze citado por Hur (2019) aponta como ações positivas que produzem realidades e regimes de verdade, onde se abandona um sistema estruturado fechado e isolado para uma estrutura múltipla com distintas atualizações e combinações que geram diferentes acontecimentos (HUR, 2019).

⁴ Conceito que condiciona um sujeito ao padrão corporal ideal sustentado pelos discursos biomédicos e da corponormatividade e, nomeado para indicar a discriminação de pessoas por motivo da deficiência (GESSER; BLOCK; MELLO, 2020).

A partir deste momento, percebi o quanto a participação no projeto produziu vida na equipe, numa relação de troca de saberes, num atravessamento em ato através da micropolítica do cuidado e sob a perspectiva do pesquisador in-mundo (MERHY, 2004; SLOMP JUNIOR *et al*, 2020). Essa vivência me levou na direção da obra de Deleuze (2002) que ao citar o filósofo Espinosa na relação entre os modos existenciais, onde as causas exteriores são determinantes para a variação da potência de agir do sujeito, me fez compreender que todos os corpos afetados estavam atraídos, numa perfeição maior (paixões alegres) e, ao juntar as nossas forças existenciais a potência era aumentada o que possibilitou novas experimentações de vida ao grupo.

Em todos os casos os usuários já tinham passado pelo processo de tratamento hospitalar e em centros especializados de reabilitação para restaurar as funções dos seus corpos e prepará-los para realizarem as atividades de autocuidado, alimentação, mobilidade e os gerenciamentos da saúde, casa e financeiro. O fato de já conviverem com a deficiência por um período entre 07 a 45 anos foi fundamental para as trocas de informações durante os encontros. As experiências boas e ruins eram narradas e absorvidas, as manifestações individuais e coletivas - subjetivação⁵, possibilitaram um espaço para encorajar tanto a prática desportiva, como também, para combater os diversos agenciamentos sociais que os tornavam “prisioneiros” e excluídos pelas máquinas dominantes que legitimavam essa violência (HUR, 2019).

Foucault (2014, p.152) destaca a importância de se promover novas formas de subjetividade como uma maneira de recusar esse tipo de individualidade imposta há vários séculos e que contribui para a submissão - mecanismo do poder. Em conformidade, Butler (2015) coloca a necessidade da pessoa com deficiência ser reconhecida, ao desqualificar a sua existência não há exigência de tê-la no convívio social (GESSER; BOCK; LOPES, 2020).

À face do exposto, a desqualificação vivenciada pela pessoa com deficiência em nossa sociedade acentua o comportamento inseguro e o sentimento de inferioridade (GOFFMAN, 2004) e a interferência da equipe estava voltada para que a consciência desses sentimentos e sua limitação fossem substituídas pelo campo experiencial⁶ (HUR, 2019) e, desta forma, possibilitar novas modalidades de afecção, corpo-alma, aumento da potência de vida (DELEUZE, 2002). Portanto, após o ingresso no projeto, não eram mais reconhecidos pelo seu status social - ex-militares reformados⁷ por invalidez (deficientes) e sim, por atletas, que passaram a desenvolver habilidades desportivas e despertados pelo desejo de construir uma

⁵ Deleuze (2015, p.105) define como “Aprender a governar a si mesmo é a arte de si, é a relação consigo mesmo - a dobra da relação de força, isto é, a operação pela qual a força se afeta a ela mesma, o afeto de si por si mesma” (HUR, 2019).

⁶ Ao dobrar-se em si, as forças ativas constituem novos acontecimentos, uma abertura de potencialidades e experiências (HUR, 2019).

⁷ Denominação das Forças Armadas para a aposentadoria por invalidez (CELESTINO; MAINENTI, 2021).

nova identidade social - atletas representantes das forças armadas em competições nacionais e internacionais - o resgate à vida militar (ambiente e rotina).

No início do projeto DesporTO em Ação, me sensibilizei com a dificuldade dos atletas em retornarem ao ambiente militar, percebi a exigência dos corpos clássicos, pertencentes aos “padrões normativos”, “aptos para a guerra” e, em um certo imaginário da sociedade, semelhantes aos super-heróis. Os corpos desviantes, dissonantes, rotulados e estigmatizados, descritos pelo autor Moreira (2020), não pertenciam a esse espaço e, lidar com essa questão envolvia aspectos subjetivos, singulares e individuais, mas que se completavam na luta contra a normatização que resumem “esses corpos” à fragilidade, considerados sem potência e sem condições de produção.

Para alguns, foi abrir feridas que já estavam “cicatrizadas” ou “adormecidas” num passado distante e doloroso, mesmo depois de tantos anos afastados do ambiente militar e de todas as mudanças ocorridas em suas vidas. Retornar a esse espaço era lidar novamente com a ruptura laboral e com a angústia por não ter nas Forças Armadas Brasileiras (FAB) um direcionamento para a readaptação, e as narrativas cursaram sobre o desligamento das suas funções - reformados.

Nesse sentido, levando a um plano de correlação, parece haver uma naturalização de uma visão socialmente construída que um corpo deficiente não está apto a ser independente e funcional. Mendes e Costa (2014) colocam que não se pode negligenciar o direito da pessoa com deficiência de se sentir cidadão. Ser cidadão é pertencer, cooperar e colaborar na construção da sociedade e, para isso, é necessário ter acesso a todos os recursos - suportes sociais, econômicos, físicos e instrumentais, e deste modo, garantir a sua inclusão nos vários contextos.

É fundamental reconhecer que historicamente a pessoa com deficiência sempre buscou a inclusão e, essa luta foi uma fonte de inspiração para entender a proposta deste estudo, como também a motivação do projeto DesporTO em Ação. Mesmo diante da omissão do governo em garantir o seu direito como cidadão e tratar a deficiência como tragédia pessoal, a luta nunca parou, sempre persistiu, constantemente através de várias frentes e diante dos lemas, “*nada sobre nós sem nós*”, “*lute por direito e não por discriminação*” e “*seja o protagonista político para garantir os seus direitos*” e, assim, responsabilizar moralmente a sociedade pela discriminação e segregação sofrida (JUNIOR, MARTINS, 2010; DINIZ, SANTOS, 2010).

A voz da pessoa com deficiência ecoou mundialmente e no cenário nacional foi implantado - o Plano Viver sem Limite⁸ - proposta realizada por meio da

⁸ Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Viver sem Limite, por meio do decreto 7.612, de 17 de novembro de 2011 - Governo Federal. Proposta elaborada em parceria com os ministérios e com o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE) para implementar políticas públicas que efetivem o exercício da capacidade legal por todas as pessoas com deficiência (SDH/PR/SNPD, 2013).

articulação de políticas governamentais para garantir o acesso à educação, inclusão social, atenção à saúde e acessibilidade pela população brasileira que apresentasse algum tipo de deficiência. E, ao mesmo tempo, firmar o compromisso do Governo Federal com as prerrogativas da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os direitos das Pessoas com Deficiências. O combate à desigualdade, a criação da Rede de Cuidado à Pessoa com Deficiência, a Secretaria Nacional de Acessibilidade e Programas Urbanos foram algumas ações efetivas para assegurar o empenho na equiparação de oportunidades e a valorização da pessoa com deficiência no Brasil. Ações fundamentais para cumprir uma agenda nacional que pudesse intervir para que a pessoa com deficiência não viva excluída da sociedade. (SDH/PR/SNPD, 2013; VIANNA, 2018).

Seguindo este viés, e justificando a implantação do projeto DesporTO em Ação, a inclusão adquiriu espaço, inclusive no contexto militar, como foi descrito pelas autoras Oliveira e Peluso (2021) em que as Forças Armadas tomadas por esse debate criou em 2015 um projeto piloto, chamado de Projeto João do Pulo⁹ (PJP) destinado a promover através do esporte a reintegração social de militares que adquiriram deficiência física, por conseguinte, conviver na organização militar utilizando os centros desportivos e suas instalações. As experiências iniciais foram desenvolvidas na Comissão de Desporto da Aeronáutica (CDA), situada nos Campos dos Afonsos, no Rio de Janeiro. Em 2018 deixando de ser piloto, nasceu o PJP¹⁰ - *“Projeto para valorização social, por meio do esporte, para militares que se tornaram deficientes físicos”* (CELESTINO; MAINENTI, 2021).

O projeto ganhou força com a assinatura do Decreto Presidencial nº 10.085, de 05 de novembro de 2019, deixou de ser exclusivo para militares, e ampliou o público-alvo para as pessoas com deficiência, preferencialmente em situação de vulnerabilidade social, com prioridade para crianças a partir dos seis anos de idade, jovens e adolescentes. Infelizmente, logo após o decreto as atividades foram interrompidas por conta da pandemia do Coronavírus (COVID-19) em março de 2020 (CELESTINO; MAINENTI, 2021).

No final do ano de 2016 com o aumento no número de participantes buscou-se parcerias com outras instituições para aumentar as ações e atender melhor às necessidades dos atletas, onde foi incorporada à equipe, terapeutas ocupacionais, nutricionista, psicólogos e médicos paradesportivos. E, foi neste momento que iniciei a minha jornada junto com os estagiários do curso de Terapia Ocupacional do

⁹ Projeto João do Pulo (PJP) foi instituído pela Portaria Normativa nº 956/MD, de 23 de Abril de 2015, prevê um comitê gestor em sua estrutura organizacional, o qual foi nomeado pela Portaria nº 1.859/SEPESD/MD, de 25 de agosto de 2015, juntamente com o Ministério da Defesa - planejarem e executarem a indicação dos primeiros militares com deficiências para integrarem o tenro Projeto Piloto em 2015 (CELESTINO; MAINENTI, 2021).

¹⁰ Projeto idealizado pelo Major brigadeiro do Ar Carlos Augusto Oliveira, o nome do projeto foi inspirado no extraordinário atleta militar João Carlos de Oliveira, que sofreu uma amputação do membro inferior direito em um acidente automobilístico (CELESTINO; MAINENTI, 2021).

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) no projeto “*DesporTO em Ação: Terapia Ocupacional no Desporto e no Paradesporto*”.

O primeiro desafio foi ajudar na adequação do ambiente para que os participantes pudessem transitar pelos campos, ginásios, parques aquáticos, vestiários, refeitórios, estacionamentos, setores administrativos, entre outros. E, numa ação conjunta, os terapeutas ocupacionais junto com os estagiários e os demais profissionais fizeram um levantamento em relação à eliminação das barreiras arquitetônicas para garantir a circulação e os treinos de forma adequada.

Essa ação não se restringiu apenas a acessibilidade, se concretizou num potente feito ao derrubar, ou melhor, contribuir para a desconstrução de respostas sociais comuns a esse ambiente em relação às pessoas com deficiência. Proporcionar que atletas reformados pela deficiência fossem vistos pelos militares da ativa realizando as suas práticas desportivas, dirigindo os seus carros, chegando de transporte público, como também compartilhando os refeitórios, vestiários e os demais espaços, ofertou a oportunidade de enxergar a potencialidade do outro, e não apenas a forma socialmente construída e categorizada da sua limitação biológica. E, desta forma, mesmo que não fosse um objetivo específico do projeto, colateralmente ocorreram contribuições para a diminuição dos rótulos impostos a eles e, a plena participação no ambiente foi encarada pela equipe como o início de uma mudança de paradigma em relação à deficiência nesse ambiente militar.

Ainda com o propósito de entender o tema deste estudo e o esporte como destaque, deve-se compreender a trajetória da prática esportiva para a pessoa com deficiência, que teve como pioneiro o médico Sir Ludwig Guttmann, sua expertise foi inovadora ao utilizar o esporte na reabilitação de militares e civis que retornaram da Segunda Guerra Mundial com lesões medulares e expectativas ruins de sobrevivência. A prática desportiva foi tão positiva no contexto biopsicossocial desses indivíduos que “Guttmann” criou os primeiros jogos paralímpicos em 1948 e desde então essa prática se popularizou em todo o mundo (SOUSA; OMENA, 2015). No Brasil a prática do esporte adaptado surgiu com a criação do Clube do Otimismo do Rio de Janeiro, fundado pelo atleta Robson Sampaio e o Clube dos Paraplégicos de São Paulo, fundado pelo atleta Sérgio Del Grande, ambos em 1958. Após retornarem do processo de reabilitação nos Estados Unidos, estes atletas apresentaram a prática esportiva à pessoa com deficiência como uma possibilidade de tratamento e ocupação. O esporte adaptado promoveu novas frentes para reivindicar o direito da pessoa com deficiência em conduzir a sua própria vida (JUNIOR; MARTINS, 2010).

“A causa mais nobre do desporto para a pessoa com deficiência é a de ajudá-las a restaurar a conexão com o mundo que as rodeia” (GUTTMANN, 1948).

Ao reconhecer a desvantagem da pessoa com deficiência pela Organização das Nações Unidas, Mendes (2014) afirma que pertencer é estar em relação, com o direito à convivência não segregada, dando oportunidade a todos os cidadãos ao acesso nas diferentes instâncias (MS, 2014; ONU, 2018). Com o objetivo de responder a esses desafios sociais, a Organização Mundial da Saúde (2012) apresentou o esporte como ferramenta e, assim, estimular a reflexão na aceitação das diferentes formas de se produzir vida, como também, possibilitar a discussão nos tempos atuais para pensar numa sociedade mais organizada (MS, 2014).

Nessa jornada percebi que todas as histórias são potentes e devem ter a sua valorização, mas para a minha pesquisa de mestrado fui atraída pela narrativa da única atleta mulher do projeto. Sua participação foi considerada um marco importante por ser a primeira mulher militar no projeto e, o seu envolvimento permitiu uma trajetória potente e desafiadora tanto para a própria atleta como para a equipe. A sua transformação aconteceu junto com a equipe e participantes, as afetabilidades promovidas nos encontros produziram novas possibilidades de relação com o mundo do qual fazemos parte.

“o corpo não é uma unidade isolada que entraria em relação com outras unidades isoladas, mas é um ser originária e essencialmente relacional: é constituído por relações internas entre os corpúsculos que formam suas partes e seus órgãos e pelas relações entre eles, assim como por relações externas com outros corpos ou por afecções, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e ser por eles afetado sem se destruir, regenerando-se, transformando-se e conservando-se graças às relações com outros” (CHAUI, 2011, p. 73).

Diante do exposto, a minha inspiração foi cartografar os meus encontros com essa mulher, ex-militar, auxiliar de enfermagem, psicóloga, negra e com deficiência adquirida aos 28 anos pela Síndrome de Guillain-Barré, durante a sua gestação. Ao longo da sua vida, quando já estava "tudo dentro de uma rotina estabelecida", aos 55 anos, se desafiou a praticar esporte no projeto supracitado e se tornou atleta, percurso seguido ao lado de sua produção como usuária que nos guiou no processo de (não) ser deficiente.

Nesse contexto, a prática do esporte apresentou-se como uma possibilidade de produção de vida, como também, a reflexão sobre a inclusão e a participação ativa da pessoa com deficiência na sociedade. Essa temática me levou a participar do mestrado e dar voz a essa participante.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

Mapear o efeito do projeto “DesporTO em ação: Terapia Ocupacional no Desporto e Paradesporto” na produção de vida da atleta-guia com deficiência após a introdução da prática esportiva ao seu cotidiano.

2.2 Objetivo específico:

Identificar e analisar os efeitos da participação da atleta-guia no projeto na produção do viver, no período da pandemia e no retorno às práticas desportivas pós-pandemia.

3. JUSTIFICATIVA

A partir do momento em que ingressei no universo da prática esportiva para a pessoa com deficiência compreendi que a oferta desta atividade está longe de ser efetiva ao longo da vida deste indivíduo e vários fatores podem contribuir para a sua ausência: dificuldade na oferta e acesso; falta de profissionais capacitados; ambientes inadequados; alto custo dos equipamentos e dispositivos tecnológicos adaptados; falta de incentivo social; ausência de investimentos em pesquisas nesta área e a falha no cumprimento das leis já existentes.

O esporte pode ser uma ocupação transformadora do próprio sujeito, mas a forma como a oferta desse campo se apresenta faz com que a pessoa com deficiência tenha pouca oportunidade para realizar essa atividade. Durante o projeto percebi que os participantes passaram a conhecer melhor os seus corpos, enfrentaram os seus medos e frustrações após a realização da prática esportiva. A vergonha foi substituída pela coragem e a aceitação dos seus corpos possibilitou a construção de um “novo eu”, de “novos valores” socioculturais que modificaram a forma de olhar a vida. A pessoa com deficiência ao narrar a sua história sempre relata ter sofrido, em algum momento, a invisibilidade, a discriminação e a limitação social. Restrições que poderiam ter sido evitadas se a sociedade fosse mais democrática, sem ter sua base voltada para uma ideologia da “normalidade”, onde os corpos “deficientes” e “limitados” estivessem condenados ao exílio.

Portanto, essa pesquisa, ao mapear o efeito do projeto na vida da atleta-guia trouxe informações importantes em relação às práticas esportivas e a sua possibilidade no aumento da participação social e produção de vida, como também, a reflexão sobre o conceito de deficiência e a discussão da valorização e respeito nas diferentes formas de produção em uma sociedade.

4. CONTRIBUIÇÕES

A partir das narrativas construídas pela pesquisadora e a atleta-guia de acordo com os temas - o efeito da participação no projeto, o período de pandemia e o retorno às práticas esportivas na pós-pandemia, deseja-se despertar o interesse de outros pesquisadores em investigar sobre a história da pessoa com deficiência na sua produção de vida, para além da "tragédia pessoal". Ampliar este olhar é tornar possível a desconstrução da hierarquia social contemporânea, promover a aceitação das diferentes formas de potência de agir e aumentar a participação desse coletivo.

Espera-se também que esta pesquisa provoque a reflexão sobre a importância da consolidação de uma sociedade mais inclusiva, onde a estigmatização, preconceito e discriminação em relação aos corpos com deficiência sejam reconhecidos como forma de violação dos direitos humanos.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A motivação em realizar esta pesquisa veio da vontade de construir novos saberes a partir do encontro, com o desafio de se produzir conhecimento e intervenção em ato, mostrar os atores em cena que operam na validação de conheceres militantes entre os sujeitos implicados, que agem sob a forma de serem sujeitos desejantes e desejosos, numa relação ora pesquisador, ora pesquisado, ora analisador, ora analisado. Ser tipos de sujeitos diferentes para cada ação, que se permitem socializar saberes e agires transformadores (MERHY, 2004 e 2007; CHAUI, 2011).

Inspirar-se em Espinosa, como fundamentação teórica, é trazer para o campo da pesquisa o encontro da afetabilidade, o efeito de um corpo sobre o outro, o poder de afetar e de ser afetado, é captar nos movimentos em ato, a busca pela sua própria natureza - uma vida vivenciada a partir de uma ação, de uma potência para além das condições dadas pela nossa consciência.

Reconhecer na prática os atores do campo de investigação, as narrativas, vivências e experiências, suas multiplicidades, e favorecer a identificação e a contribuição para a ampliação do campo analítico, como também o olhar da subjetivação para a pesquisa. No estudo de Cerqueira e Merhy (2014) descreve-se que a produção do conhecimento opera sobre a perspectiva do pesquisador im-mundo, num movimento permanente de atravessamentos durante a pesquisa e na aposta de uma construção coletiva e participativa.

Corpos dissonantes ao longo dos tempos - certa produção de pessoas com deficiência.

Pensar na deficiência é compreender ao longo da história a sua representação na sociedade. Sousa e Omena (2015) em sua pesquisa fizeram um levantamento histórico que permitiu entender que as abordagens às pessoas com deficiência são diferenciadas e estão de acordo com a construção social e cultural em que este indivíduo está inserido.

Neste estudo foi visto que na Antiguidade existiam duas formas de tratamento: o extermínio – corpo não apto para a guerra e o assistencialismo – corpo incapacitado/caridade. Na Idade Média influenciada pelo cristianismo a pessoa com deficiência era excluída do convívio social, pois acreditavam que eram amaldiçoadas - corpo exorcizado, corpo salvo. Já na Idade Moderna com base nas ideias iluministas criou-se a representação da normalidade, seguida pelo modelo médico, que a deficiência poderia ser eliminada – corpo curado. No século XX com as guerras surgiu a ideia das pessoas com deficiência serem vistas como super-heróis - corpos doados para a proteção da nação (SOUSA; OMENA, 2015).

Apesar de estarmos no século XXI é notório identificar historicamente o quanto as pessoas com deficiências sofreram atrocidades e como a percepção bizarra sobre a deficiência ainda permanece enraizada nas diferentes culturas contemporâneas. A ideia de que os corpos com deficiência são inválidos, aleijados, incapazes e defeituosos, um fardo social sem valor, circula nos tempos atuais, alimentado todos esses anos pelo conceito da normalidade que permite dar o suporte para manter esta hierarquia social.

Farrael (1985) relata que esse conceito ligado à teoria darwiniana da evolução – vantagem do mais apto - serviu como base para os interesses eugenistas para justificar o exílio e extermínio daqueles que não se encaixavam no padrão “normal” da sociedade. Evidenciar que vivemos em mundo de normas, e que este conceito estabelece o corpo humano ideal, clássico, com atributos desejados, é entender o corpo como político - corpo apto à mentalidade industrial. Crença que somente a raça humana que possuísse essas características poderiam se aperfeiçoar e garantir o progresso – privilégio do corpo/homem “normal” que atendia aos padrões ocidentais (DAVIS, 2016).

Goffman (1891) aponta que a teoria do estigma - termo criado pelos gregos para se referirem a sinais corporais que representavam algo para ser evitado, serve para estabelecer a identidade social do indivíduo, categorizando os atributos indesejáveis e de estereótipos que reduz a pessoa a um status contaminado e desacreditado. Em sua obra este autor trouxe o testemunho de um esclerótico múltiplo que descreve:

“Tanto as mentes quanto os corpos saudáveis podem estar aleijados. O fato de que pessoas “normais” possam andar, ver e ouvir não significa que elas estejam realmente vendo ou ouvindo. Elas podem estar completamente cegas para as

coisas que estragam sua felicidade, totalmente surdas aos apelos de bondade de outras pessoas; quando penso nelas não me sinto mais aleijado ou incapacitado do que elas.

Talvez, num certo sentido, eu possa ser um meio de abrir os seus olhos para as belezas que estão à nossa volta: coisas como um aperto de mão afetuoso, uma voz que está ansiosa por conforto, uma brisa de primavera, certa música, uma saudação amistosa. Essas pessoas são importantes para mim e eu gosto de sentir que posso ajudá-las" (p.13).

A sociedade, ao estabelecer no indivíduo a sua identidade social, pode colocá-lo como inferior e promover sentimentos ao sujeito "estigmatizado" que o faz deprimir, se isolar, como também, aumentar a sua ansiedade e hostilidade em relação ao encontro com os "normais", principalmente, pelo medo de sofrer a rejeição e o desrespeito (GOFFMAN, 2004).

Bayton (2016) descreveu em seu ensaio que o ponto crucial para a pessoa com deficiência era ser classificada ao status de inferioridade que justificava perante a sociedade a aceitação da discriminação e da desigualdade. Além de observar que esse mesmo atributo era usado pelos intelectuais do sexo masculino, como uma forma de categorizar e estigmatizar grupos minoritários (mulheres, negros, homossexuais, "idiotas") alegando o retrocesso evolutivo e a incapacidade de serem curados, educados e civilizados. Em relação às mulheres não só eram desacreditadas pela sua "inferioridade", como deveriam ser controladas e tratadas por médicos, pois sofriam de histerias, desmaios, emoções desvairadas, fraquezas, necessitando de cuidados especiais, todos esses atributos tornavam justa a forma de desabilitá-las dos seus direitos políticos e sociais. Já os indivíduos negros eram comparados aos selvagens e primitivos, portanto, não tinham chance nenhuma de se igualarem ao privilégio do "homem normal" (DAVIS, 2016).

Zirbel e Davis (2016) descreveram que a luta das mulheres desde o seu início, representado pelo movimento feminista, vem avançando, produzindo transformações e impactando as estruturas normativas contemporâneas, entretanto, a questão da interseccionalidade e sua relação entre raça, gênero, classe e deficiência deve ser aprofundada. Segundo o Censo brasileiro (IBGE, 2010) existem mais de 25 milhões de mulheres que vivenciam algum tipo de deficiência e se sentem excluídas da mesma forma que as mulheres negras sem deficiência, evidenciando que o movimento feminista precisa refletir sobre as suas multiplicidades para que as suas ações atendam a todas as mulheres e, assim, combater uma sociedade machista, racista e capacitista (LOPES, SOLVALAGEM, BUSSE, 2020).

Mesmo nos tempos atuais muitas pessoas fogem do debate sobre o capacitismo e se escondem em ações de caridade para ajudar as pessoas com deficiência, esse comportamento alienado só fortalece o processo histórico de exclusão e preconceito. Siqueira, Dornelles e Assunção (2020) ao descrever que o

capacitismo é o preconceito dirigido à pessoa com deficiência, cita o autor Mello que descreve:

“[...] uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categorização que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes: de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejado, de ter relações sexuais, etc., aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia” (MELLO, 2016, p. 3272).

Diante do exposto, trago Pelbart (2003) que em sua obra aponta o adestramento progressivo do animal-homem motivado pela descrição da modelagem do corpo moderno por Foucault, ao relatar que o corpo não aguenta mais o adestramento e a disciplina imposta, principalmente, por gerar a culpabilização, a patologização do sofrimento e anegação do corpo (PELBART, 2003, p. 30).

Ao olhar para a usuária que me guia, tento compreender, inspirada neste estudo, a condição do seu corpo e sua possível afetabilidade no encontro - o seu medo, anseio, autodefesa, dor, escolha, motivação, impotência e potência de vida. Deleuze (2002) em sua obra retrata a declaração de Espinosa: “Não sabemos o que pode o corpo...” como uma provocação à consciência em relação ao corpo - *paralelismo*. A busca por um novo modelo retrata o pouco conhecimento que temos do que o corpo é capaz. Adquirir o conhecimento da potência do corpo é tentar entender a relação entre a causa e o efeito / afecção e afeto, que compõem e decompõem, onde os modos de existência - *bom e mau* “encontro” vão determinar o aumento e a diminuição da potência de agir. O autor faz uma citação de Espinosa:

“Por afetos, entendo as afecções do corpo pelas quais a potência de agir desse mesmo corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou impedida...” (III def.v3, p. 56).

O afeto-sentimento destacado em Espinosa trouxe a reflexão que este corpo, usuária-guia, provém do encontro exterior com outros modos existentes que predomina o sentimento de tristeza - opressão que vai interferir diretamente na sua potência de ação e essência.

O efeito do projeto neste corpo foi libertador, os encontros permitiram o desabrochar, sentir o movimento alegre das relações ao trazer a produção de vida, que corrobora com a afirmação de Espinosa:

“Se os homens nascessem livres não formariam nenhum conceito de coisa boa ou má, enquanto permanecessem livres” (DELEUZE, IV, 68, p. 61, 2002).

Ao destacar a palavra “libertador” a esse corpo como possível efeito, trago a ética de Espinosa nas palavras de Deleuze (2002) ao dizer que a cartografia de um corpo está na relação entre os corpos nos encontros - ao aumentar a potência de agir, aumenta-se também o seu território de ação, por conseguinte, compõem novas relações com o mundo e a si própria, considerada por mim, um caminho libertador para a participante, como também para a equipe que ao se deixar afetar permitiu viverem novas possibilidades, experiências e realidades em relação à produção de vida (MARQUES, 2002).

6. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com o desenvolvimento de uma abordagem cartográfica, inspirada no estudo dos autores Slomp Junior *et al.* (2020) que apontam a liberdade de escrita e a possibilidade de se adentrar a uma dimensão temporal que leva a movimentos por vários “mundos”, conectando as vozes dos sujeitos e produção em ato.

Benet *et al.* (2016), Pozzana (2013) e Rolnik (2007) destacam que a abordagem escolhida acessa o plano relacional da micropolítica, onde o corpo do pesquisador afeta e deixa-se afetar, numa interferência dobrada, produzindo encontros e afecções que fluem entre pesquisador e o campo (SLOMP JUNIOR *et al.*, 2019)

De acordo com Merhy e Cerqueira (2014) para o pesquisador se constituir no próprio processo de produção ao conhecimento no campo de pesquisa, a cartografia pode ser utilizada, por se ter mais liberdade nas escolhas de fazer produção, sendo possível aumentar o número de informações, ampliar o universo da pesquisa, nas ações e desafios, e assim, possibilitam a criação de um novo cotidiano nas práticas em saúde (MERHY e ONOCKO, 1997).

Moebus, Merhy e Silva (2016) defendem que a concepção de um usuário como guia é permitir através do olhar, da perspectiva, do ponto de vista, das trajetórias, histórias de vida e redes de conexões existenciais do próprio usuário-guia, direcione o pesquisador. Os autores ainda, a partir da base teórica dos estudos de Deleuze e Guattari (2010), consideram o usuário e sua narrativa como centro da produção do seu cuidado e saber, recolocando: “o desejo na produção e a produção no desejo”.

A pesquisa foi iniciada com uma revisão da literatura nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed (via National Library of Medicine), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Portal de periódicos da CAPES, entre junho e setembro de 2021, com o objetivo de se apropriar da temática.

Importante destacar que a atleta participou do projeto denominado “DesporTO em Ação: Terapia Ocupacional no Desporto e Paradesporto”, desenvolvido em parceria entre o Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) com a Comissão de Desporto da Aeronáutica (CDA - Campos dos Afonsos), no período de julho de 2016 a março de 2020, e para esta pesquisa de mestrado decorreram os temas guias, como: o efeito do projeto na produção de vida da usuária-guia, período de pandemia e retorno às práticas desportivas pós pandemia.

Pensar a cartografia a partir da usuária-guia é considerá-la como centro da sua própria produção e percurso. E, para mapear a produção de vida, além da concepção de usuária/atleta como guia, foram utilizados como ferramentas o diário cartográfico e a entrevista.

- O conceito ferramenta usuário-guia transfere o olhar do investigador para a perspectiva do usuário que se desloca da posição de objeto para a de co-fabricante do conhecimento (SEIXAS *et al.*, 2019).
- O diário cartográfico, segundo, Slomp Junior *et al.* (2020), caracteriza-se pelo registro das afetabilidades de caráter intuitivo ao operar na micropolítica dos encontros, sendo necessário se debruçar nas múltiplas vozes em nós, nossas e do outro, incluindo o discurso indireto livre e o uso do tempo bergsoniano - presentificação permanente do passado.
- As entrevistas semiestruturadas foram realizadas através de encontros (mensais) gravados na plataforma Google Meet, posteriormente transcritos, para possibilitar maior oralidade do entrevistador com o entrevistado. Para tanto, a pesquisadora entrou em contato com a atleta para apresentar os objetivos desta pesquisa, e somente mediante a concordância e assinatura, do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), foi iniciada a pesquisa.
- Para a análise documental dos dados referentes ao diário cartográfico e aos encontros gravados foram organizados a partir da categorização dos eixos centrais guiados pela usuária-guia e seu efeito na produção do campo da vida.

O critério de inclusão foi determinado a partir do entendimento sobre a representatividade do corpo feminino, negro, com deficiência, ex-militar e única atleta mulher do projeto.

O critério de exclusão incluiu todos os participantes do projeto de gênero masculino.

Em relação aos riscos à participante, a pesquisadora seguiu a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que determina as diretrizes éticas específicas para as ciências humanas e sociais (CHS). Apesar dos riscos serem considerados mínimos comparados aos existentes na vida cotidiana, a pesquisadora se manteve atenta para tomar medidas preventivas e providências para evitar ou minimizar os seus efeitos e, inclusive encerrar a pesquisa, caso a participante desejasse e informar ao CEP/CONEP.

No início da construção deste projeto tinha-se a ideia que os benefícios da pesquisa não estariam diretamente ligados à participante, entretanto, ao reviver os encontros novas cenas foram produzidas e com elas novas afetabilidades vivenciadas entre a usuária-guia e pesquisadora, o que levou aos encontros com a rede de conexões existenciais da própria participante, momentos que não estavam planejados, mas foram guiados pela usuária-guia e cartografados como resultados. Portanto, deve-se considerar que os encontros proporcionaram reviver momentos que agiram diretamente na usuária-guia e pesquisadora, na essência de existir (DELEUZE, 2002). E, de forma indireta, almeja-se que esta produção promova reflexões sobre a temática e seus desdobramentos numa visão inclusiva.

Em relação à cartografia foi possível mapear o conjunto dos efeitos gerados na participação da usuária-guia no projeto, como também, o resultado na vida da pesquisadora em traçar novos estudos neste campo, como o aumento do conhecimento, a compreensão desta temática e a oportunidade de vivenciar afetabilidades promovidas nos encontros. Além de ampliar a discussão do conceito da deficiência com a própria usuária-guia e sua rede de conexão, do mesmo modo, possibilitar uma reflexão no campo dos direitos humanos e justiça social, e a promoção do respeito às diferenças na sua forma de produção de vida numa futura publicação.

7. RESULTADO/DISCUSSÃO

Vivenciar a micropolítica do encontro é trazer a subjetividade no espaço das relações - promover processos de afetabilidade, e nesta produção cartográfica irei narrar não só o meu encontro com a usuária-guia, mas todas as pessoas trazidas pela participante que produziram novas afecções e conexões entre corpo/alma implicados no aumento e na diminuição da nossa potência de agir - produção de vida dos sujeitos em cena.

Ao mesmo tempo a usuária-guia será o centro da produção, por isso, nesta escrita vou denominá-la atleta-guia, como destaque no papel ocupacional conquistado ao longo do projeto e, narrado pela mesma como uma ocupação transformadora em sua vida. Em suas palavras, “me tornar atleta foi resgatar o sentimento de participação/pertencimento na sociedade”. Num momento cheio de

afeto relatou que não queria ser apenas deficiente, dona de casa e ex-militar reformada, viver aquela “vidinha de deficiente” não era mais suficiente e, conquistar novos caminhos para a sua vida passou a ser a esperança de dias “vivos” e “coloridos”.

O processo do mestrado faz você refletir sobre a sua pesquisa, participantes e o caminho percorrido até o momento. Ao término de cada aula a sensação era de estar num “liquidificador”, bem exemplificado pela professora Paula Cerqueira e, ao chacoalhar as afetabilidades dos encontros vividos com a atleta-guia de forma intensa uma música despertou o meu corpo e o fez vibrar, trazia com força total o meu olhar, a minha percepção e o meu afeto sobre a atleta-guia desta pesquisa.

Neste momento estava no banho, à lembrança da música provocava uma inquietação e a cada trecho da letra me fazia mergulhar na fala, no sentimento e na força existente da transformação e produção de vida da atleta ao longo do projeto. A necessidade de cantar se perdia na potência do meu corpo em se movimentar, talvez pelas lembranças dos encontros com a atleta-guia e, o sossego só veio quando pude escutar a música e cartografar sobre “nós” e a alma/corpo foi tomando forma nas palavras escritas no texto sobre o corpo.

Letra da música: Triste, louca ou má (Banda Francisco, el Hombre - cantada por Juliana Strassacapa, vocalista e percussionista da banda e idealista da letra¹¹)

Triste, louca ou má

Será qualificada

Ela quem recusar

Seguir receita tal

A receita cultural

Do marido, da família

Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita

Bem conhecida receita

Prefiro queimar o mapa

Traçar de novo a estrada

Ver cores nas cinzas

E a vida reinventar

E um homem não me define

Minha casa não me define

Minha carne não me define

Eu sou meu próprio lar

E o homem não me define

¹¹ Juliana Strassacapa teve a inspiração em compor essa letra depois de ouvir a expressão sad, mad or bad, essas três palavras são usadas para definir o diagnóstico dos transtornos de personalidade pela Sociedade Americana de Psiquiatria, DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mental. A artista refletiu nas inúmeras mulheres que sofreram por não seguir os padrões exigidos e receita cultural pela sociedade - sua escrita foi pensada em sua mãe e em si mesma, representadas consecutivamente, na primeira parte e na segunda parte da música (FERNANDES, 2021).

Quem não sem dores

Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define

Sua casa não te define

Sua carne não te define

Você é seu próprio lar

Ela desatinou, desatou nós

Vai viver só

Eu não me vejo na palavra

Fêmea, alvo de caça

Conformada vítima

Minha casa não me define

Minha carne não me define

Eu sou o meu próprio lar

Ela desatinou, desatou nós

Vai viver só

Ela desatinou, desatou nós

Vai viver só

Ela desatinou, desatou nós

Vai viver só

Ela desatinou, desatou nós

Vai viver só

Ao ligar a atleta-guia a essa letra fiz uma leitura das suas falas - minha percepção ao interpretar cada trecho como uma representação e transformação dessa mulher que preferiu desatinar a continuar vivendo a receita cultural da mulher do “lar”, isso não quer dizer que essa rotina não a deixasse feliz, mas ela precisava se sentir a sua própria dona, viver uma nova estrada, ver cores e a vida reinventar. Entretanto, essa música também me conecta a todas as mulheres que em algum momento compartilharam a vida comigo - avós, mãe, tias, primas, amigas e que traziam em seu discurso uma ruptura daquilo que foi construído para ser o papel da mulher na sociedade. Aquela que tinha que servir ao marido, filhos e ao lar, não que esses papéis não tenham importância, pelo contrário, porém defendo que devem ser desejados e esperados, como tantos outros papéis ocupacionais almejados que não tiveram opção, escolha ou até mesmo o direito em realizá-los.

Lutas foram travadas pelas mulheres para que pudessem ter voz e o fato de poder construir a sua própria vida não fosse encarado como um desatino, loucura, tristeza ou ser má, representado pelo nome da própria música, ancorado na representação cultural que nos faz pensar sobre a história da mulher na sociedade.

Essa música reflete para mim uma ideia coletiva da mulher e ao mesmo tempo a necessidade de se fazer surgir das cinzas a construção de uma nova imagem, a união da força feminina passada de geração em geração, corpos vividos e afetivamente construídos e conectados com a própria ancestralidade feminina. Meu corpo vibra ao lembrar as figuras femininas registradas em minha memória, como também reviver os encontros com a atleta-guia me faz querer cartografar a

sua história e a nossa, entrelaçadas num curto período de tempo, mas potente ao me afetar, talvez porque enxergue nela um pouco de todas as mulheres e suas buscas incansáveis pelo direito em ter as suas próprias escolhas.

Ao observar os cenários que me cercam, em vários momentos já presenciei falas que desvalorizam a mulher e me incluo nessa norma, seja no contexto familiar, profissional ou social, muitas vezes nem percebidas por estarem tão enraizadas. Às vezes ditas pelas próprias mulheres que não enxergam situações abusivas, violentas e que as inferiorizam, preferem se calar, muitas vezes por medo, outras para não correrem o risco de serem taxadas de problemáticas, como a letra coloca - transtorno mental, e, diante disso tudo, falta coragem e força para traçar novos caminhos e a vida reinventar. Muitas vezes ficam aprisionadas por afecções maléficas e por afetos passivos, paixões tristes que diminuem a sua ação no mundo, subtraem o seu processo de expansão afetiva e com ele a alegria, atividade e realidade, exemplificado pela filosofia ética de Espinosa (MARQUES, 2012; HUR, 2019).

O corpo (Autoria própria)

Corpo deficiente, corpo preso, corpo envergonhado.

Corpo feminino, corpo casado, corpo submisso à sociedade.

Corpo excluído, corpo jovem, corpo materno.

Corpo sem função, corpo preso na vidinha de deficiente.

Corpo que não é mais militar, corpo encostado, corpo reformado.

Corpo aos olhos do mundo limitado.

Corpo correndo risco, corpo pulsando, corpo experimentando.

Corpo em ação, corpo aventureiro, corpo desejante.

Corpo transformado, corpo potente, corpo com possibilidades.

Corpo forte, corpo independente, corpo empoderado.

Corpo sem rótulos, corpo desafiante, corpo incluído.

Corpo competitivo, corpo em movimento, corpo lindo.

Corpo vivo, corpo sem fronteira, corpo produzindo vida.

Ao descrever os nossos encontros à emoção transborda e processa as memórias que se atualizam, passado e presente se misturam, novos afetos são acionados ao escrever o texto Corpo, me deparo com a subjetividade, a minha percepção em relação a esse corpo e sua transformação ao longo da sua participação no projeto, na minha visão, o corpo passivo que ganha força e se desafia a produzir novas formas de se viver a vida. Ao lembrar o nosso primeiro encontro percebo o misto de sentimentos que surgiram e o seu efeito sobre mim, segundo Espinosa, a força de existir poderia aumentar ou diminuir, beneficiar ou aprisionar, essa variação se daria de acordo com que os modos existentes se deixariam afetar - implicando na potência de agir.

Da negação ao encontro (Autoria própria)

Ela não me queria.

Chocava-me a rejeição, não ser aceita.

O choque dela contra o meu.

Estava de branco, estava de jaleco, me sentia segura, me trazia conforto.

Mantinha-me na estrutura disciplinar da minha formação.

Questionava: como assim, não me quer?

Eu sou tudo que ela queria esquecer.

A experiência passada, escondida, camuflada.

Seu diagnóstico, sua seqüela, a interrupção dos seus sonhos.

Eu era o espelho da sua limitação, a perda da sua juventude, da sua maternidade e profissão.

Fui desafiada, não podia entregar os pontos.

Eu poderia oferecer algo. Mas, o quê?

Sentia-me insegura, impotente.

Eu queria aquele encontro - ele veio no seu tempo e com ritmo.

O encontro entre os nossos corpos e a dança.

Vieram os movimentos e a subjetividade.

Corpos misturados, corpos que se apoiavam.

Não precisava mais do jaleco, muito menos do seu CID.

Precisava aumentar sua potência e muito mais a minha.

Nossos corpos apoiados se transformavam.

Corpos ativos e felizes com a experiência de se produzir vida.

O sentimento aflorado pela rejeição ao “meu atendimento” pela atleta-guia era entendido por mim como uma forma de negar todo o período do processo saúde-doença - período de internação, perda dos movimentos e da autonomia, alta hospitalar, dependência total, reabilitação e limitação nas atividades cotidianas. A negação foi compreendida ao perceber o seu olhar sobre mim, não houve troca de olhares e nem aproximação, corpos distantes, mas percebi um olhar discreto para o local em que eu estava com outros atletas. Olhar desconfiado, ou talvez, questionando o atendimento com terapeutas ocupacionais já que não precisavam mais de reabilitação.

Lembro que fiquei sem ação nesse primeiro encontro, fiquei sem graça, percebi um vazio interno, no entanto, essa atitude me fez questionar o trabalho que eu estava desenvolvendo. Dúvidas surgiram como o porquê da utilização do jaleco se o projeto não era realizado no contexto hospitalar e o seu significado. Quem precisava deste jaleco? A proposta do projeto não tinha nenhuma ligação com os trabalhos desenvolvidos por mim nos hospitais e centros de reabilitação, talvez a minha insegurança me levasse a reproduzir os mesmos padrões e só me dei conta quando tive a sensação de ser rejeitada. Precisei repensar sobre a minha abordagem no projeto e entender que a minha ação estava além da qualidade do movimento na execução da modalidade esportiva.

Esse primeiro momento me fez refletir sobre a minha necessidade de seguir protocolos e realizar a minha prática pautada nos métodos e aperfeiçoamentos adquiridos em minha trajetória profissional, talvez tenha sido carregada pelo medo de iniciar um novo trabalho, com uma abordagem diferente, num local desconhecido e, desta forma, seria melhor trabalhar na minha zona de conforto, por isso a escolha do jaleco branco e na repetição dos padrões estabelecidos em outras instituições. Mas o projeto me levava para os espaços existenciais e os processos de subjetivação que hoje percebo através do autor Merhy (2014) que se tratava do cuidado centrado no trabalho vivo em ato. Não era necessário apagar as tecnologias duras e leves-duras da minha caixa de ferramenta, entretanto, mesmo sem saber na época essas nomenclaturas, minha produção de trabalho envolvia o uso das tecnologias leves - agir nos processos relacionais.

Hoje percebo que ao intervir no processo da afetabilidade me conectava com a micropolítica do encontro e, por isso, a sensação de liberdade, o desapego do

CID¹², da utilização do jaleco que não fazia mais sentido. Compreender a vida da atleta-guia e se deixar levar pelas demandas que surgiam nos encontros foram o marco para o início da transformação das nossas vidas.

Após o meu sentimento de impotência e a rejeição demonstrado pela atleta-guia, a minha potência de agir se encontrava diminuída, entretanto, me desafiei a conquistá-la, uma força inexplicável me atraía, eu queria descobrir o motivo de ser descartada sem ao menos ter me dado à oportunidade de apresentar o meu trabalho. Nesse período, o mais difícil foi controlar a minha ansiedade para não acelerar o processo, respeitar o tempo da atleta e o seu desejo, se é que queria me encontrar. Talvez, esse tempo também poderia ser para me observar e descartar qualquer semelhança ao tratamento realizado no período em que estava se recuperando da Síndrome de Guillain-Barré.

Nos primeiros momentos fui observada e, de forma tímida, a atleta-guia se aproximou para explicar que não precisava de reabilitação porque essa etapa já tinha sido ultrapassada há anos atrás. Neste momento meu corpo era só alegria, esse contato foi desejado por um bom tempo, era a oportunidade que eu queria para me conectar e mostrar o quanto os encontros poderiam despertar novas possibilidades. Sentia que a minha presença poderia trazer à tona todos os encontros passados, no período em que ela foi acometida pela doença, internação, recuperação e a deficiência física, seqüela - processo que provocou muito sofrimento.

Na minha percepção, o efeito do meu corpo sobre o dela gerava, de forma inconsciente, uma ameaça, que Segundo Deleuze (2002), para Espinosa, esta ideia - relação dos corpos, causaria a decomposição entre nós, a minha potência neste momento subtraía - imobilizando-a. Ao se deixar ser afetada pelos maus encontros vividos acionados por mim, o sentimento de impotência surgia acompanhado pelo encadeamento das paixões tristes - culpabilidade, tristeza em si, desespero, indignação, vergonha,... Eu precisava virar o jogo, se o meu corpo promovia afetações, que fossem para aumentar a nossa potência de agir através das paixões alegres em bons encontros.

“sentimos alegria quando um corpo ou uma ideia se encontra com o nosso e com ele se compõem, e sentimos tristeza quando um corpo ou uma ideia ameaçam nossa própria existência” (DELEUZE, 2002, p.25).

Os encontros foram acontecendo e a confiança foi estabelecida, aquele corpo se desafiava e, sem vergonha de apresentar as suas fragilidades, passou a ser

¹² Classificação Internacional das Doenças (CID) elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que fornece uma estrutura de base etiológica. Em caráter complementar foi elaborado o CIDID - Classificação internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (CIDID) para classificar as condições crônicas de saúde decorrentes de doenças (LEITÃO, 2004; FRANÇA, 2013).

estimulado pela equipe de várias formas. Sem saber como esse corpo poderia agir, sem restrições, livre, apenas guiado pelo corpo/alma em movimento.

Motivada pela nova experiência, a atleta-guia sugeriu trazer a dança para os nossos encontros, ideia aprovada, como uma forma de estreitar os laços e estabelecer o vínculo através de uma atividade prazerosa e sugerida pela própria participante. Criou-se uma oficina de dança especialmente para ela, a falta de equilíbrio deixou de ser protagonista e a coragem tomava conta do seu corpo, muitas vezes o meu corpo era usado para realizar os movimentos.

A atleta escolhia o estilo e ritmo da dança, a preferência era por melodias atuais e as coreografias ficavam com o estagiário que também era bailarino. Neste espaço os nossos corpos se expressavam por modos de existência inseparáveis, nossa força de existir despertava paixões alegres ativas - *beatitude*, plena posse da potência que passa operar num modo de eternidade (Deleuze, 2002). Por esses sentimentos estávamos afinados e as risadas eram constantes, se manter em pé já era complicado, imagina guardar a coreografia? Os corpos se esbarravam nos movimentos, as direções tinham vida própria e a sincronia às vezes se perdia, só restava rir dos nossos encontros e (des) encontros, neste ritmo o campo de força criado permitia conhecer a nós mesmos, o mundo e as novas realidades embalados pela dança da vida.

Nesse momento o vínculo já estava estabelecido, a cada encontro algo era descoberto, seus medos e o sentimento de limitação do seu corpo foram desaparecendo. Podia sentir o seu corpo vibrar, o sorriso em seu rosto ao sair da oficina trazia uma energia que contagiava todos os atletas. Mesmo os atletas que faziam uso de muletas e cadeira de rodas entraram na dança, cada um do seu jeito, o importante era movimentar. Interessante lembrar que por estarmos em um ambiente militar e os participantes serem “militares” poderia gerar algum constrangimento, no entanto, esse medo só pertencia a mim, a cada encontro chegava um novo atleta e a oficina passou a ser uma referência para o grupo, local de dança, café e diálogo - micropolítica do encontro em ato (MERHY, 2014).

A equipe era formada por militares e civis que nunca tinham trabalhado juntos, o trabalho com a pessoa com deficiência na prática desportiva era algo novo, como o local de treino e sala de atendimento onde os encontros aconteciam. Foi um processo de crescimento e descobertas para entender o nosso papel, a dinâmica de trabalho e a forma como atender cada atleta e suas demandas. Na medida em que a equipe se tornava coesa, os atletas confiavam mais nos profissionais e perdiam o medo de se lançar no esporte, em pouco tempo formou-se uma rede de apoio que ultrapassava o espaço militar, e a atleta-guia tinha uma participação de destaque ao se tornar um dos alicerces do grupo.

A primeira modalidade escolhida pela atleta-guia foi o atletismo - tiro com arco e arremesso de dardo/peso, ambos eram realizados numa cadeira adaptada. Devido a sua dificuldade em se manter de pé, praticar uma atividade sentada favorecia o seu desempenho, no entanto, a falta de recursos materiais somado ao discurso do grupo de viverem novas experiências e, com o apoio da equipe, a atleta-guia resolveu mergulhar, literalmente, na modalidade da natação.

Corpos em alerta, pois experimentar a natação não seria nada demais se a atleta soubesse nadar, sem contar a sensação de pavor que a água provocava. Não era preciso estar dentro da piscina, bastava estar perto, passamos momentos apreensivos. Corpos tensos ficavam firmes na borda da piscina, a voz da equipe acalmava e aos poucos as instruções do técnico eram ouvidas. Os treinos focaram em entrar na piscina menor, depois passar para a intermediária até chegar à olímpica. As etapas eram determinadas de acordo com o tamanho da piscina, inicialmente, entrar e se segurar na escada, o objetivo era se familiarizar com o ambiente, se sentir segura, em seguida, entrar e segurar na borda, depois se mover na piscina apoiada na borda, após essa fase utilizar a prancha e atravessar a piscina até o momento em que a coragem venceu o medo e o seu corpo estava livre na água.

No final dos treinos, nossos corpos estavam exaustos, as expressões rígidas acusavam a tensão, mas a motivação de ver a atleta-guia superando o seu medo era admirável. Perder o medo da água proporcionou novos encontros, sua rede de apoio cresceu junto com o seu desejo de experimentar “coisas” novas, como fazer canoagem e aprender a surfar. Foi um momento único, inacreditável a sensação de vitória da equipe, todos estavam mobilizados e na borda da piscina em passos curtos seguíamos as braçadas da atleta-guia, a cada movimento um suspiro, um olhar para a distância diminuída e assim, chegamos juntos na outra borda, momento de palmas, gritos, choros e alegria, a nossa atleta tinha conseguido de forma corajosa e determinada vencer o seu próprio desafio, não esquecendo a linda demonstração de companheirismo do seu colega que desde o início da sua jornada nas práticas esportivas permaneceu ao seu lado e dentro da piscina.

Esse encontro entre a água e os nossos corpos foi narrado por mim em uma aula do mestrado e, sensibilizado pelo meu conto e principalmente por ouvir que o maior desafio para atleta-guia foi enfrentar o seu medo da água, o autor Reginaldo Moreira, escreveu duas poesias sobre esse encontro e me presenteou. Neste poema descreveu a força e a potência das afetabilidades que produziram vida em ambos os corpos que se permitiram passar por um processo de transformação. A leitura desses poemas me deixou em transe, jamais poderia imaginar que ao narrar a nossa história pudesse despertar em outro corpo uma leitura tão significativa entre mim e a atleta-guia. Nas profundezas do mar ou nas águas rasas detalhadas nos poemas foi possível reviver os encontros e (des) encontros na produção do cuidado em ato.

“Márcia”

Como ser estanque?	Conectadas
Se pulsam	Pelos dardos tantos
As águas	Dar-nos tantos
Que traz no nome	Outros mares.
Mar e cia	(MOREIRA, 2021)

“Águas Profundas”

Ondas, ondas, ondas	Maremoto
Quantas ondas?	Tsunami
Que na areia desmancham	A Mar-cia
Espumam aos pés	Encontrou-se com a outra
Aos olhos	Mar-celle
Dar celle que vê	Afetou-a
Só o espumar das ondas	Cartografias líquidas
E não ergue a vista	Das sensíveis águas
Para ver suas quebradeiras	Na força molhada das marés
Não surfa	Que banham
Acha que mar é espuma	E abrigam a rainha
Sem considerar	Yemanjá
Suas profundezas	É a rainha
De ressaca	É a rainha
(MOREIRA, 2021)	

Durante a leitura dos poemas senti mais uma vez o meu corpo vibrar. Naquele momento podia perceber o campo de força que existia entre mim, a atleta-guia e a voz que narrava os nossos encontros. A formação dessa cena só foi possível devido à intensidade experimentada pelos nossos corpos que afetou esse

outro corpo que Rolnik (1989) vai chamar de “corpo respiradouro”, todos os corpos afetados, atraídos e tocados pelo invisível, denomina-se o “corpo vibrátil”.

“No encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados se atraem ou se repelem” (ROLNIK, 1989, p.25).

O que definiu até aqui a produção da minha cartografia foi a minha sensibilidade simultaneamente afetada pelo processo do mestrado que fez o meu corpo vibrar entre a intensidade e a representação dos encontros com a atleta-guia em minha vida e, a partir da criação de um novo mundo, juntamente com novas formações de paisagens/cenas onde eu pude expressar novos afetos.

Rolnik (1989) coloca que o cartógrafo sentimental tem que produzir uma língua própria, principalmente, para dar conta das novas afetabilidades, novos afetos que pedem passagem e contribui para a composição da cartografia, por essa razão, se refere ao cartógrafo como um verdadeiro antropófago. Por isso, a minha necessidade de escrever os textos e sentir a música supracitada, isto posto, possibilitar uma linguagem para os movimentos do meu desejo, intensidade e inventar pontes para me expressar.

“Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 1989).

Ao falar de saídas múltiplas, novamente fui tocada pela intervenção em uma dinâmica do mestrado, desta vez sobre a minha relação de pesquisadora com a atleta-guia e a interseccionalidade. Neste caso, a inquietação foi maior por não dominar essa temática e as sensações despertadas me deixaram confusa sobre o meu lugar de fala na cartografia.

A minha inspiração para chegar até aqui iniciou com a escolha da atleta-guia entre todos os participantes e a sua trajetória, além de todos os afetos já descritos e conectados a mim e que foram fundamentais para a tomada de decisão. Percebo na sua existência uma força que me atrai e atravessa a minha produção de vida, em que alguns momentos se misturam com o meu enredo e propósito de vida.

Apesar da temática do trabalho focar mais na deficiência, não se pode negar a visão opressora socialmente construída e estabelecida em relação ao corpo feminino e negro. E a atleta-guia nos entre da multiplicidade, traz na ancestralidade e na produção histórica, atributos “sociais indesejáveis” que se colocam em tom de justificativa e naturalização de discriminação, desigualdade e violação dos direitos humanos (DAVIS, 2016).

Assis (2019) em sua obra cita algumas autoras, como a precursora, Patrícia Hill Collins que conceitua a interseccionalidade como uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender as múltiplas opressões, aponta que não há uma hierarquia ou somatório sobre elas e ainda indica que o lugar de fala de cada

indivíduo é multirreferenciado a partir de suas experiências e, a autora Kimberlé Crenshaw (2002) completa que se deve usar a interseccionalidade como aporte para se pensar as múltiplas exclusões e também construir estratégias para o seu enfrentamento.

Ainda sobre a obra mencionada, a autora defende que todos têm o lugar de fala, basta demarcar a sua localização social. Portanto, eu como pesquisadora, mulher, branca, terapeuta ocupacional, professora e sem deficiência não estou falando pela participante, ou me apropriando de sua história, e sim, dando vida a sua narrativa como protagonista deste estudo. A partir do meu lugar social, ao identificar os marcadores sociais somados as minhas experiências profissionais e pessoais posso lutar contra as opressões ao promover a reflexão sobre uma sociedade mais justa e inclusiva através da produção desta pesquisa.

“Cada um de nós traz, a partir de sua localização, experiências individuais que tornam nossa trajetória o nosso lugar de fala” (ASSIS, 2019).

Diante do exposto, ao apostar na pluralidade das vozes, trago neste estudo, a cartografia e o conceito de usuária-guia, com o propósito de dar centralidade a sua voz, olhar e narrativa em relação aos efeitos da sua participação no projeto na produção do viver, o período da pandemia e ao retorno às práticas desportivas pós-pandemia e, por conseguinte, possibilitar nesta pesquisa reflexões individuais que tenham repercussões em mudanças estruturais coletivas e, assim, traçar estratégias para construção de uma sociedade menos opressora à pessoa com deficiência.

Apesar de ter estabelecido na metodologia os eixos centrais supracitados deste projeto, no nosso primeiro encontro a atleta-guia me levou para o período em que foi acometida pela Síndrome de Guillain-Barré durante a sua primeira gestação. Período marcado pelas incertezas sobre a sua vida e tristeza pela nova condição que de forma indeterminada a afastava da execução dos seus papéis ocupacionais.

Durante a escuta, não pude deixar de reviver a minha maternidade, os momentos de curtir o crescimento da minha barriga, colocar aquelas roupas específicas que tem todo um sentimento para a mulher neste período, preparar o enxoval, a decoração do quarto, enfim, tudo que envolve um casal para receber o seu primeiro filho. No entanto, para a atleta-guia não houve tempo, esses momentos foram atravessados na luta pela sua vida e do seu bebê, luta contra uma doença neurológica de origem autoimune que provoca fraqueza muscular generalizada, considerada grave, por levar a complicações respiratórias e ao óbito. Por isso, quando foi levada ao hospital precisou ficar internada, os primeiros sete dias na UTI para acompanhar a evolução, essencialmente, por estar no terceiro mês de gravidez.

Por ser auxiliar de enfermagem foi levada para o hospital militar em que trabalhava e em poucos dias já estava paralisada da cabeça aos pés. Foi uma comoção entre seus colegas de trabalho que passaram a fazer rodízio para atender às suas necessidades, sem conseguir se movimentar, precisava de todo o auxílio possível, desde comer até amamentar a sua filha após o nascimento, onde permaneceu até a sua bebê completar dois meses. Nesse momento o seu quarto hospitalar já tinha sido transformado em uma casa, conta que teve muito apoio, pois não podia ficar sozinha por estar totalmente dependente.

Neste instante, ao imaginar a cena, me conecto à minha expectativa, experiência e construção no papel de ser mãe, apesar das diferenças de idade, na época do meu primeiro filho tinha 20 anos e a atleta-guia com 30 anos, percebo que nós mulheres, desde meninas na brincadeira e no imaginário desenvolvemos o ato do cuidar que ganha força na maternidade, mas não se limita somente neste território, muitas vezes desempenhamos na família de uma forma geral, nas amizades e até nas escolhas profissionais, eu como terapeuta ocupacional e a atleta-guia como auxiliar de enfermagem, profissões ligadas diretamente ao cuidado em saúde e executado em sua maioria por mulheres. E, no enredo das nossas vidas, sinto nos encontros que tanto o casamento com os seus desdobramentos e a profissão se apresentam de forma tão significativa no nosso viver.

Durante este período de internação, duas pessoas se destacaram em seu cuidado, uma delas foi a sua fisioterapeuta que se tornou sua comadre. O fato de terem trabalhado juntas possibilitou uma grande parceria e, ao escutar sobre “elas” senti vontade de cartografar esse encontro também pelos olhos da fisioterapeuta. Logo no primeiro instante fiquei comovida pela admiração demonstrada em palavras pela usuária-guia, em destaque, coragem, firmeza, fé e força para encarar os desafios presentes e futuros. Contou sobre a entrega de corpo e alma as orientações dadas por ela, acompanhava de perto as suas dores físicas que esbarravam na limitação dos medicamentos oferecidos por conta da gravidez e as dores emocionais, dores guardadas, uma vez que não havia reclamações e nem vitimismo, sempre topava tudo e, esse comportamento chamava a atenção da equipe hospitalar. Em todo o processo de recuperação relatou um único evento de dor intensa que a fez se descontrolar, situação delicada por não poder usar remédios fortes, a solução foi gritar e se apoiar no marido que estava sempre presente dando o suporte necessário para diminuir o seu sofrimento.

Seguindo ainda a narrativa da fisioterapeuta, a atleta-guia se achava privilegiada pela forma como foi tratada, porque mesmo de alta ainda permaneceu no hospital para realizar a fisioterapia. No entanto, seus colegas de trabalho encaravam como o retorno por tudo que ela sempre fez no ambiente de trabalho, a forma como se doava principalmente aos pacientes. Sua fala expressou espanto misturado com o fascínio ao apontar que mesmo depois de algum tempo, a atleta-guia nunca se deixou limitar. Não demonstrava se sentir deficiente. Relatou ter

percebido sua garra nas atitudes como, não andava como todo mundo, mas andava. Não pegava a bebê como todo mundo, mas pegava. E por aí, vivia um dia de cada vez. Num episódio verbalizou “vou fazendo um pouquinho e no final vira uma grande obra”, em sua percepção não só de fisioterapeuta, mas de amiga, me explicou que a deficiência só fez despertar mais ainda a força interna que ela tinha.

A essa altura sentia o meu corpo reverberar, cenas dos encontros no projeto vieram à tona junto com a lembrança do seu astral contagiante, em especial, quando escutei que a contribuição da usuária-guia para o mundo era a sua força nata, sempre tendo algo a colaborar, aonde chega ajuda. Antes de finalizar o encontro a fisioterapeuta ofereceu uma mensagem que me conectou a autora Rolnik (1989) ao descrever que a cartografia sentimental produz uma língua própria para dar conta das afetabilidades, portanto pelas palavras da fisioterapeuta:

“Obrigada por dar voz a uma pessoa linda como M. Ela realmente é uma pessoa ímpar, mais que um exemplo de superação, é o exemplo de um coração enorme, aberto para dar e receber tudo que a vida puder lhe proporcionar e que usa essas possibilidades para fortalecer afetos, fortalecer sua fé, a gratidão e, as utiliza como ferramentas de autoconhecimento. Ela tem o poder de ‘tocar vidas’ e isso não tem deficiência que tire”.

Apesar de ter conhecimento sobre o processo de recuperação da atleta-guia, desta vez foi diferente. Os encontros não foram realizados entre paredes brancas e outros profissionais, estávamos a sós e ao narrar os acontecimentos com tantos detalhes percebi a sua fortaleza e, acima de tudo, vontade de continuar a vida, sem pensar muito ou achar um porque para a sua deficiência. Conta que não podia fazer mais do hospital a morada da sua família e ir pra casa foi uma decisão para tomar as rédeas da sua vida, sempre com o apoio do marido. Determinada pediu alta da fisioterapia por conta da distância, buscou fazer musculação perto da sua residência, conta que naquela época não tinha grande oferta na área de reabilitação, seguiu em frente por conta própria e os desafios de voltar a caminhar, cuidar de si, filha, marido e o seu lar foram alcançados.

Em seus piores momentos pôde contar com o companheirismo, apoio e carinho do seu marido, sempre citado como sua base neste período, além de expressar que a forma como ele encarou todo o processo foi fundamental para a sua recuperação e influência enquanto pessoa nos dias atuais. Emocionou-se ao falar que ele apoiava a filha no travesseiro e a colocava para mamar e, desta forma, sustentava a esposa junto com a filha. Esse relato foi tão forte, criar essa cena trouxe tanto amor que não consigo mensurar em palavras o meu sentimento. Em uma única posição, num gesto, dentro de um abraço, percebo três corpos unidos para a função de alimentar, dar vida ao elo, considerado por muitos o mais forte de um casal, *filho* - para mim, o amor mais puro, que significa tudo, minha natureza

mais suave e selvagem, delicada e forte, meu significado de vida - minha escolha, meu afeto mais sublime, dei a vida e dou a minha.

Ao deslocar para a minha experiência, amamentar era a minha conexão com o meu filho, a presença do pai na maioria das vezes não era necessária ou servia apenas para entregar o bebê, diferente da atleta-guia que dividiu sua maternidade com o seu marido. Na narrativa do marido, ele fazia tudo - dava banho, trocava a fralda, colocava roupa, penteava o cabelo e nas saídas levava as duas, além do carrinho de bebê, cadeira de rodas e tudo que era necessário.

O fato de nunca ter reclamado somado ao desejo de estar presente, a sua postura, parceria e companheirismo demonstrava uma cumplicidade que deixava a atleta-guia segura e valorizada, pela sua voz, “isso tudo faz ser a mulher que eu sou hoje em dia” e “qual mulher não se sentiria especial?” Em vista disso, ousou relacionar esse encontro com a essência plena da perfeição por Espinosa (DELEUZE, 2002), o despertar do amor sem a obsessão pelo domínio ou o poder na relação. Hooks (2020) em sua obra abraça a ética amorosa ao citar, “cuidado”, “compromisso”, “confiança”, “responsabilidade” e “respeito” e, incluiu a palavra “gratidão” nesse combo de afeto ativo por ter aparecido tanto na fala da usuária-guia como no meu encontro com o seu ex-marido, independente da separação após 28 anos juntos, consegui sentir um campo de força numa composição com agenciamentos potentes em seus corpos que repercutiu em mim afetos ativos - corpo vibrátil (ROLNIK, 1989; MARQUES, 2012).

Lógico que a narrativa da atleta-guia despertou o meu interesse em realizar um encontro com esse sujeito, colocado por ela como a pessoa fundamental na sua recuperação e formação enquanto pessoa, logo depois do acometimento da deficiência. Ouvir o relato do seu ex-marido apenas confirmou esse sentimento reverberado e compartilhado que posso chamar de “amor”, que ganhou força e formato de parceria, amizade e cumplicidade. Sua fala humilde explicava que não sabia lidar com a situação, mesmo sendo técnico de enfermagem também do regime militar, pouco sabia sobre essa doença e, de qualquer maneira precisava ser forte, as duas vidas mais importantes naquele momento para ele corriam risco.

O significado de família, cuidado e carinho só foi vivenciado com a sua esposa, pois foi abandonado ainda criança e pego na rua por outra família que não lhe deu amor, essa situação o separou do seu irmão, sua verdadeira mãe nunca o reconheceu, entretanto, anos depois quando adoeceu encontrou abrigo e cuidado com esse filho que rejeitou e com a sua esposa, a atleta-guia. Em seu relato, se sente eternamente grato por esse gesto da sua ex-esposa e declarou admiração em ter vivido com uma pessoa que sempre está disposta a ajudar os outros, que faz sem querer nada em troca, sem holofotes, exclusivamente, pelo desejo de ajudar.

A falta de conhecimento para ajudá-la foi uma motivação para a decisão de fazer fisioterapia, precisava ser forte e saber responder aos questionamentos dos pais e amigos dos filhos sobre a deficiência da esposa sem que essa curiosidade chegasse à atleta-guia, não queria que o seu sofrimento aumentasse, principalmente, depois do seu desligamento da Força Aérea Brasileira. Episódio que a deixou sem chão, colocou que mesmo sem ter o costume de ouvir a esposa reclamar foi impossível não sentir sua tristeza, um ideal de vida perdido, logo quando estava perto de ganhar a promoção para oficial, com o término do curso de psicologia cumpria os testes do processo seletivo, já tinha passado de fase, faltando apenas o exame prático, com a doença e as sequelas não só teve que abandonar o concurso como a carreira militar.

Todo esse cuidado demonstrou um carinho enorme e respeito ao colocar que a atleta-guia sempre será a mãe dos seus filhos, um papel que jamais será esquecido, como também todo o apoio que teve no período em que estava exagerando no álcool e na sua luta contra um câncer, quando precisou fazer um transplante. Neste encontro surgiram tantos detalhes que pude me conectar a história dessa família, a união da potência das almas em cena que me fez ter a esperança renovada na existência do amor, um sentimento presente em todas as falas e, registrado na palavra gratidão. Ao me envolver nesse movimento de afetos, me tornei desejante e sob encantamento precisei pedir passagem para encontrar com a filha deste casal, da atleta-guia desta pesquisa.

Em relação à rede de conexões existenciais que a atleta-guia me levou, não tenho dúvidas que o encontro com mais sentimentos ativos foi com a sua filha. Em sua fala, logo na primeira frase já houve emoção e a mesma declarou que todas as vezes que fala da mãe se emociona e lágrimas surgem como saída da força ativa que o encontro com o corpo materno a proporciona, principalmente, por achar incrível conviver com a mãe, relata ser inexplicável. Ao ouvi-la, fui preenchida ora pelo papel de mãe, ora pela filha, ora pela mulher, ora pela esposa, ora pela pesquisadora e, em todos os papéis me emocionei, afetos ativados em meu corpo vibrátil (ROLNIK, 1989). Nessa primeira frase, qual mãe não se sentiria feliz em ouvir que é incrível?

Sua emoção surgia sem intenção nenhuma de esconder o afeto que descia em lágrimas “alegres”, o orgulho em falar da mãe e a gratidão por mim (pesquisadora) em dar voz a sua mãe. Ao escutar o seu afeto percebi que a atleta-guia tinha um lugar no meu coração, não naquele desenhado em vermelho construído socialmente, mas naquele que faz o meu corpo vibrar, composto num regime de afetação e contra afetação (DELEUZE, 2002), numa relação recíproca que se movimenta num ritmo cartográfico que produz vida em mim.

A força existencial da sua filha me tocou ao declarar que nunca enxergou a mãe como deficiente. Com o olhar terapêutico ocupacional questioneei em silêncio,

“como assim, as sequelas e deformidades são tão visíveis?”, na sequência, a resposta foi direta - “ajudava a minha mãe em coisas naturais, como pegar algo ou abaixar, dividir o peso de algum objeto, como qualquer outra pessoa necessita em algum momento da vida”. Ainda completou que não via as limitações em sua mãe e se algo a incomodava, também não demonstrava, dava conta de tudo no dia-a-dia. Essa declaração fez o meu corpo desterritorializar e indagar os meus mecanismos de codificação que se encontravam rígidos ao estruturar uma forma de produção, pautada em saberes disciplinar (UHUR, 2019).

Experimentar esse encontro me proporcionou uma autoavaliação que me deslocou para uma visão capacitista. Mesmo defendendo que os agenciamentos entre os corpos não deviam seguir uma influência dos ideais corponormativos (BUTLER, 2019), questionei o olhar de uma filha em relação à deficiência da sua mãe, como também, fiquei incomodada com a fala da atleta-guia em apontar a ruptura laboral como a sua pior dor ao adquirir a deficiência. Esses dois momentos me afetaram porque os encontros me levaram diretamente para a execução “normalizada” do papel de mãe, intensificada em meu corpo como o meu melhor e tão desejado papel e o trabalho não poderia ter mais importância.

Na realidade não enxerguei as diferentes formas de se realizar o “ser mãe”. A deficiência não tirou esse papel da atleta-guia, apenas lhe ofereceu formas variadas de produção, como dividi-la com o seu marido. Ao experimentar e ser tocada por esse campo vibrátil um novo território existencial surgiu em mim, percebi a potência desse elo atleta-guia, marido e filha, demonstrada numa carta escrita pelo pai para a filha durante a gestação da atleta-guia que por conta da paralisia e, conseqüentemente, com déficits sensoriais e motores não conseguia perceber o seu corpo. No meu encontro com a sua filha, essa carta foi lida num momento em que nossas forças entrelaçadas produziam signos vetoriais - afetos que aumentavam a composição das nossas potências (DELEUZE, 2006, p.157), emocionada o “nó” na garganta se formava e as lágrimas aprisionadas continuavam atentas à voz que expressava a cena, ao meu olhar, corpos que produziam a intensificação da vida, o amor (HOOKS, 2020).

“Hoje, vinte e nove de novembro de mil novecentos e noventa, a mamãe sentiu pela primeira vez você mexer, apesar de no dia vinte e sete de novembro também ter sentido algo semelhante, porém, duvidoso, não conseguia esclarecer o que era. Mas hoje com a confirmação da titia Márcia e titia Valdinete, pude te sentir verdadeiramente, desculpa se a mamãe não pode sentir você com as mãos, mas ela sentiu o seu coração. Esse é o relato da mamãe escrito pelo papai”.

Paralisada do pescoço pra baixo a atleta-guia não podia colocar a mão na barriga para sentir o seu bebê mexer, mas conseguia sentir algo vibrar, o reverberar

das batidas do coração ditava o ritmo da vida e, de forma humana, cúmplice dessa jornada, o pai sensibilizado ao entregar essa carta à filha eternizou esse momento.

O meu encontro com a filha corroborou com a narrativa da atleta-guia em que o esporte mudou a sua vida, sendo um divisor de águas. O projeto possibilitou uma nova dinâmica, por isso, apostou “todas as fichas”, “mergulhou de corpo e alma”, pois precisava preencher o vazio que a separação tinha deixado. Sua filha colocou que este período foi muito difícil por toda a história construída pelo casal, mas compreendeu que sua mãe precisava dessa mudança e, hoje em dia, identifica a atleta-guia na sua melhor versão.

A transformação não foi somente na rotina, precisou sair da casa e apagar os costumes construídos a dois. Anunciou a troca da casa pelo apartamento, afinal, era o ponto de encontro da família e amigos, comunicou ao ex-marido que ele seria responsável pelos cuidados da própria mãe que ainda residia com a atleta-guia e em relação aos filhos já adultos sinalizou que estava na hora de cuidar dela mesmo e traçar um novo rumo para a sua vida.

O efeito do projeto na produção do viver na atleta-guia.

Sua trajetória no projeto foi linda, potente e desafiadora, sua participação foi considerada um marco importante por ser a primeira mulher militar no projeto. No entanto, muitos detalhes eram desconhecidos e eu só pude compreender durante os nossos novos encontros. O primeiro ponto em destaque foi à atleta-guia verbalizar que nunca tinha convivido com pessoas com deficiência e, por isso, negava a sua própria deficiência, simplesmente não se achava deficiente, tanto que na sua apresentação ao projeto usou uma muleta, como se a sua sequela não fosse visível, fato que demonstrou a não aceitação da sua condição física, principalmente, por não fazer uso de nenhum meio auxiliar para a sua locomoção.

Ao narrar a sua história para a equipe, a prática esportiva não foi mencionado, o que demonstrou a falta de interesse em relação a essa atividade e a dúvida em relação ao seu engajamento no projeto. Entretanto, fomos surpreendidos não só pelo seu envolvimento com o projeto, mas pela representação em sua vida. Hoje tenho conhecimento do período “duro” em que a atleta-guia estava passando, ouvi-la dizer que muitas vezes a água em seu rosto não pertencia à piscina e, sim, da sua alma, me tocou profundamente, porque em nenhum momento a equipe ouviu uma queixa ou reclamação, pelo contrário, assistimos uma mulher se desafiando, conquistando tudo e todos a sua volta com a sua energia, motivada a desempenhar uma nova atividade e em seu imaginário se tornar uma atleta.

A sua motivação inicial no projeto muitas vezes foi diminuída por reviver a ruptura laboral, situação já conhecida pelo relato de todos os participantes, ainda assim, me afetava por ser considerada a perda mais chocante pela atleta-guia. Ao escutar toda a trajetória percorrida para alcançar a carreira militar pude entender o

porquê de ser a sua maior dor. Sonho de criança, empolgada pela farda da marinha que a direcionou a estudar, mesmo com todos os indicadores apontados para o “não”. Família humilde, pai sapateiro, mãe lavadeira, moradora de comunidade, cresceu na rua e escolhia ser o soldado do castelo em vez da princesa, havia uma paixão pelo uniforme que causava admiração e projeção na mulher militar.

Numa folha de jornal estava publicada a chamada para a Escola de Saúde da Marinha, concurso para o curso de auxiliar de enfermagem, exigia prova do primeiro grau e a atleta-guia tinha terminado o segundo grau, viu a chance de entrar para o ambiente militar e vestir a tão sonhada farda. Dedicou-se ao máximo, precisou pegar os livros da prima para estudar, não lembrava o conteúdo e a mesinha de cabeceira repleta de livros se tornou a companheira fiel até a sua aprovação. Mesmo sem paixão pela enfermagem, se sentiu plena por entrar na primeira turma da marinha, em seguida fez mais um ano de estudo para virar técnica e logo depois ser aprovada no primeiro concurso da aeronáutica para trabalhar no hospital, até então, preenchido por profissionais civis. Seu empenho foi total, ser militar era o seu mundo, todos os amigos, primeiro namorado, marido e a sua carreira pertenciam a esse contexto. Para alcançar o crescimento profissional, voltou a estudar e decidiu fazer educação física, no entanto, na prova prática na piscina se afogou, desencadeando não só o pânico pela água como a reprovação, o que a levou para a formação em psicologia.

Foram apenas nove anos de carreira militar e muitas histórias para contar, como o seu desligamento do processo seletivo para oficial na parte prática quando precisou ser internada por conta da Síndrome de Guillain-Barré e ao constatar a deficiência, sua reforma por invalidez. Sua luta, sua dor, sua realização pessoal e laboral, descrever a sensação de terem arrancado bruscamente sua alegria em ser militar se torna impossível para a atleta-guia. Diante da sua narrativa, entendo a sua frustração, todos os outros papéis ocupacionais eram realizados, sua produção acontecia mesmo fora do padrão estabelecido pela sociedade. Mas não ser reconhecida como militar era perder a sua identidade, uma referência marcada pela luta e conquista de toda uma vida, em suas palavras “o meu mundo”.

Ao retornar para esse ambiente relatou incômodo e vergonha, talvez a reflexão sobre a sua própria deficiência foi inevitável e, o fato de não se sentir bem entre a deficiência e o ambiente militar ficou declarado quando declarou não acompanhar o seu ex-marido nos eventos dentro deste contexto. Goffman, citado por Davis (2016), aponta que de forma inconsciente a própria pessoa com deficiência sente-se desconfortável com o olhar daqueles - sociedade, que os categorizam com atributos estereotipados, no qual reduz o seu status social. Na realidade essa vergonha seria o reconhecimento social da sua desvantagem construída pela sociedade e o descrédito da sua produção de vida.

Retornar a caserna¹³ gerou um impacto muito grande em sua vida, principalmente por estar convivendo com várias pessoas com deficiência. Na sua chegada foi recepcionada pela tenente encarregada pelas ações paradesportivas, profissional que também me acompanhava com os atletas e pela proximidade de nossas ações desenvolvemos um grande afeto e, a necessidade de realizar um novo encontro para dar voz a sua vivência com a atleta-guia foi extremamente importante, principalmente, por ser eleita por ela a “cabeça” do projeto, para mim a alma. Neste encontro narrou presenciar a dificuldade dos atletas ex-militares voltarem à caserna, consequência da forma negativa em que foram desligados do quadro da ativa.

Após ouvir o relato da tenente, precisei escutar novamente o meu encontro com a atleta-guia gravado, reviver as cenas e me deixar sofrer as afecções que esse terreno provocava. Percebi que a minha inquietação não era só o contexto laboral, papel ocupacional de destaque na minha vida, desejante na infância e alcançado na fase adulta, uma realidade também para a atleta-guia. No entanto, o trabalho significava muito mais que sentir a satisfação nas atividades executadas ou a sua remuneração, envolvia a identidade do “eu militar” (CASTRO, 2004).

Ao me aprofundar nesse tema - militarismo e escutar a atleta-guia falar que o projeto a trouxe novamente para a caserna, sua antiga rotina, prestar continência, hastear a bandeira, ouvir o hino e o toque da corneta na alvorada - “reviver tudo que tinham arrancado de mim”, me fez compreender que não era só a perda da sua identidade social, estava para além, se tratava da sua identidade militar. Neste momento o meu refúgio e compreensão estava na obra de Foucault (1987) ao apontar a tendência do aquartelamento racional e utilitarista que fabrica o indivíduo tornando-o uma máquina perfeita através da técnica política que usa a “disciplina” moderna para operar na “arte das distribuições” - separação do mundo da caserna para o mundo exterior.

O autor supracitado se refere ao ambiente militar como “instituições de sequestro”, separados do mundo externo seus membros constroem um novo *habitus*¹⁴, que de forma dócil se ajusta à manutenção da integridade da organização e sua identidade - valores, atitudes e comportamentos apropriados à vida militar (CASTRO, 2004). Desta forma, Goffman (2010, p.11) declara que essas instituições promovem essa ruptura de forma racional e estratégica para controlar os seus “homens”.

A atleta-guia no meu entendimento e de acordo com Foucault (1987) e Goffman (2010), sofreu duas formas de opressão social e, segundo Butler (2015)

¹³ Inserção na caserna impõe, àqueles que buscam a carreira das armas, abraçar valores e princípios de visão e divisão de mundo (mundo civil e mundo militar) que resultarão na apreensão do *habitus* militar e na produção da filiação dos indivíduos a esta classe (MOREIRA; SILVA; CELESTINO, 2020).

¹⁴ Sistema que funciona como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações que produzem práticas particulares de uma estrutura (MOREIRA; SILVA; CELESTINO, 2020).

denominada violência ética - desqualificação por ter se tornado uma pessoa com deficiência e o seu desligamento das Forças Armadas por invalidez, por consequência, a perda da sua identidade social e militar. Ao enfraquecer seu vínculo com o militarismo e ter seu padrão corporal vinculado aos corpos dissonantes (MOREIRA, 2020) encontrou o sentimento de exclusão, já que sua identidade não era mais reconhecida, não havia necessidade de tê-la no convívio social. Nas palavras de Butler:

"Se o reconhecimento caracteriza um ato, uma prática ou mesmo uma cena entre sujeitos, então a condição ser reconhecida caracteriza as condições mais gerais que preparam ou modelam um sujeito para o reconhecimento" (BUTLER, 2015, p.19).

Para a atleta-guia não foi só fazer uma atividade física, o efeito do projeto trouxe vários desdobramentos para a sua vida, na sua voz, "minha vergonha foi superada pelo esporte, passei a conviver com pessoas iguais a mim, participar dos campeonatos, eventos militares e civis, como dar palestras aos estudantes me fez sentir valorizada, feliz por eles quererem me ouvir e, o mais importante ser vista como uma atleta que representa o militarismo - estou fazendo uma nova história".

Apesar do sentimento de pertencimento social, da valorização e voltar a ser "útil", não deixou de apontar a sua posição privilegiada por estar inserida nesse grupo e poder desfrutar desta oportunidade mesmo aos 60 anos de idade. Relatou incômodo pelas inúmeras pessoas com deficiência que jamais tiveram contato com a prática desportiva e questionou a sua própria performance, caso essa oportunidade tivesse ocorrido logo após o seu processo de reabilitação, mais nova, talvez chegasse numa paraolimpíada.

Ao tocar no processo de recuperação, a minha inquietação falou mais alto e de forma direta perguntei o porquê de ter se sentido tão incomodada na sua chegada ao projeto DesporTO em Ação, a resposta foi certa, "síndrome do jaleco branco, movimentos parecidos com os executados pela fisioterapia no hospital - minha pressão arterial sobe". Não preciso nem dizer que meu corpo sorriu, gargalhadas silenciosas conectaram-se ao rosto da atleta-guia que retribuía com a mesma expressão e marcava um encontro potente, cultivado em movimentos em ascendência ativa (DELEUZE, 2002).

Corpos tomados por paixões alegres reviveram o momento exato em que a atleta-guia atravessou a piscina olímpica, lembrado pela tenente como um momento único e inesquecível do projeto, para mim o retrato da nossa equipe. O objetivo geral era o deslocamento da atleta-guia, contudo a minha percepção era que de alguma forma cada um tinha uma intenção particular. Os estagiários preocupados com a execução do movimento, outro centrado na filmagem, o técnico dando as instruções, o atleta-companheiro nadando lado a lado, a tenente com a sua torcida íntima para a

permanência e ampliação do projeto, a atleta-guia vencendo o seu pânico de água e concretizando o seu mais novo papel ocupacional - atleta e para mim a certeza de continuar a luta pela visibilidade das pessoas com deficiência, utilizando a prática desportiva como ferramenta de combate à opressão social e a desigualdade.

Cena potente de uma verdadeira equipe que conseguiu alcançar o seu objetivo, ao término do desafio alguns gritavam, outros choravam e a atleta-guia feliz se emocionava com a nossa explosão de felicidade. Missão cumprida, afinal todos seguiram os seus caminhos expandidos pela força de existir e o poder de afetar e ser afetado, compreendidos por agenciamentos que aumentaram nossa ação no mundo. Exemplificado por Hur (2019) ao citar Deleuze:

“Se supomos uma linha de afecções alegres resultando umas das outras a partir de um primeiro sentimento de alegria, vemos que nosso poder de ser afetado torna-se preenchido de tal maneira que nossa potência de agir aumenta sempre” (DELEUZE, 1968, p.220).

O viver da atleta-guia no período da Pandemia.

Os anos de 2018/2019 foram marcantes para a atleta-guia por ter conseguido participar do seu primeiro camping¹⁵, como a primeira mulher militar, sargento reformada da Força Aérea Brasileira, receber medalha na modalidade atletismo - arremesso de peso e garantir a sua classificação em novas competições trouxe uma valorização, segundo ela, inexplicável. Essas conquistas proporcionaram o sentimento que ela poderia realmente se tornar uma atleta competitiva - alto rendimento, além da alegria de ser vista pelos militares através da sua produção e não pela deficiência. Para a tenente, período especial onde tudo se encaixou, oportunidades de participar das competições, apoio financeiro para as inscrições, hotéis e transportes e, o principal, a união da equipe, completou a sua fala de forma saudosa, “minha missão era iniciá-los na prática esportiva, consegui”. Atualmente, a tenente não faz mais parte do quadro de militares, o seu contrato era temporário com término em 2020, infelizmente, não foi possível fazer uma despedida por conta da pandemia que levou à suspensão de todas as atividades, inclusive a parceria com o IFRJ.

Ao estabelecer sua rotina a atleta-guia sempre estimulada pelo seu companheiro de treino e, reconhecidos por mim e pela tenente, como os que “carregavam” o grupo, a atleta-guia passou a ajudar os outros participantes, sempre incentivando não só nos treinos mas na produção diversa do viver, se tornando uma referência. Essa representatividade foi narrada pela sua filha ao descrever que após a sua entrada no projeto adquiriu um maior entendimento em relação ao seu corpo,

¹⁵ Primeiro camping militar paralímpico, promovido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) para os militares reformados por invalidez para experimentarem as modalidades desportivas e buscarem a classificação para participarem de competições nacionais e internacionais (OLIVEIRA; PELUSO, 2021)

passou a respeitar o seu limite e por ser a atleta com mais tempo de deficiência ajudava os atletas “novos” passando a sua experiência, deste modo, passou a ter voz no grupo e ser admirada, situação que a motivava e que durante a pandemia sentiu muito falta.

Mulher guerreira driblou a COVID-19, se não podia treinar nos centros desportivos, buscou a piscina do condomínio com hora marcada, as escadas dos prédios mantinham a força da sua musculatura e na ausência do seu parceiro de treino, que vou denominar carinhosamente de atleta-companheiro, sua filha entrou em cena na prática das aulas online. A atleta-guia só não contava com a perda definitiva do seu amigo, atleta-companheiro, para esse vírus, um choque para todos nós. Cada um reagiu da sua forma, como ele era o protagonista do nosso WhatsApp, o grupo se calou. Não havia palavras para representar o nosso luto, logo ele, o único que não era do grupo “dito” de risco.

Hooks (2021) coloca que muitas culturas sentem o luto pelo arrependimento. Ao reviver esse momento, percebi na atleta-guia a saudade do seu amigo que a chamava de “neguinha” para lhe dar força e segurança e, em retribuição, era nomeado por ela como o “negão” forte e paizão do grupo. A última conversa, despedida, o atleta-companheiro lamentava ter sido contaminado pela segunda vez, já estava internado, as trocas de palavras tiveram como base o incentivo, não poderia ter sido diferente pela construção das suas histórias. Para mim, uma sensação de surpresa, estávamos conversando em particular sobre ele ser o meu convidado para uma aula online, todos os detalhes acertados, inclusive as fotos que ele desejava apresentar, deixou tudo pronto e partiu uma semana antes.

Apesar do sofrimento, nossas lembranças traziam paz porque vivemos o presente de forma potente, nossas paixões alegres foram ativadas no campo da afetabilidade, os encontros somaram as nossas potências expandindo a nossa relação com o mundo, corpos agenciados à liberdade em ato, entrelaçados por uma alegria ativa que fortaleceu a nossa existência (DELEUZE, 2002). Cartografar sobre esse paizão foi honrar a sua vida, celebrar o seu afeto pelos seus companheiros, família, projeto e ouvir novamente a sua voz reverberar em meu corpo nas palavras “professora estou aqui, se precisar é só chamar” e “estou aqui para o quê der e vier”. Espinosa define liberdade como um “interior” e um “si mesmo” da necessidade e completa que não ocorre em virtude da nossa vontade e sim pela nossa essência e daquilo que dela decorre (DELEUZE, 2002). Diante do exposto, nossas essências somadas traçaram o caminho da nossa liberdade, união e infinita afetação.

O nó na garganta formava ao lembrar os inúmeros momentos, do sorriso malandro e amoroso que aceitava os desafios da vida, deixando-a mais suave e, por isso, encarar a sua partida pelo amor era aceitar a mudança, com a certeza que não houve nenhum arrependimento, pois nossos objetivos foram alcançados, mesmo aquela aula que não teve a sua presença física. Sua energia vibrava através das

suas fotos e pela minha voz sua produção de vida ecoava desdobrando-se no grande atleta-companheiro da nossa equipe.

“Aceitar a morte com amor significa que abraçamos a realidade do inesperado, de experiências que não podemos controlar” (HOOKS, 2021).

O ano de 2020 se resumiu na perda dos nossos espaços, dos encontros, da tenente e da parceria CDA/IFRJ. A atleta-guia relatou ter desanimado por completo ao desabafar, “a corrente se desfez - foi um elo perdido”. E, como se não bastasse todas essas perdas ao acompanhar uma amiga ao médico, sofreu uma queda na rua e rompeu exatamente os tendões do ombro do lado que faz o arremesso. Lembrome de ter questionado o seu retorno por conta da idade somada à recuperação complicada por conta do local e tipo de lesão.

Retorno às práticas desportivas pós-pandemia.

As atividades desportivas retornaram, no entanto, a atleta-guia com a queda precisou se afastar para operar. Momento preocupante, sua filha relatou receio da mãe desistir, visto que após a lesão e recuperação, ouviu a mãe dizer que voltaria para o esporte sem compromisso e o ex-marido de longe acompanhava a sua recuperação, atitude encarada pela filha como cuidado.

Seu retorno não foi tão calmo, recuperação finalizada e rumo para uma nova competição. Narrou para a sua filha ao chegar a sua casa de forma tranquila, “vê se pode operar em outubro de 2021, ficar parada por três meses, voltar devagar e receber a notícia que daqui a três meses vai competir?”. Sua filha relatou surpresa na forma como a mãe se expressou, mas definiu que a mãe é assim mesmo, guerreira, não foge da luta e ao mesmo tempo tranquila, curtindo a vida.

Sobre este episódio, ainda retratou as mulheres da família como batalhadoras se ferindo a ela, a atleta-guia, e sua avó e, ao finalizar, dá o exemplo da mãe que não tinha dinheiro para passagem, muito menos para livro e foi buscar o sonho dela - ser militar. Nesse momento, mais uma vez provocada pela filha da atleta-guia, em paralelo a sua narrativa minha alma foi levada para a música Maria, Maria, escrita por Milton Nascimento e Fernando Brant - que retrata a mulher que não cansa de lutar e segue acreditando na vida e, descrevo a parte da letra que me conectou a atleta-guia pela sua persistência diante das adversidades da vida.

“... Mas é preciso ter força, é preciso ter raça. É preciso ter gana sempre. Quem traz no corpo à marca Maria, Maria mistura a dor e alegria. Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça. É preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca. Possui a estranha mania de ter fé na vida...” (CLUBE DA ESQUINA, 1978).

No meu último encontro com a atleta-guia falou sobre as dores ao se preparar para a competição de outubro deste ano. Sabia que não estava na sua melhor performance e, mesmo assim, encarou de frente, se jogou como tudo na sua vida e não parou, as competições vieram e os resultados também, ouro no lançamento de dardo e prata no arremesso de peso - CEFAN Meeting Loterias Caixa RJ e ouro no lançamento de dardo e peso - Conexão Paralímpica em João Pessoa. Durante os campeonatos a atleta-guia sabia da minha torcida, uma torcida que não era voltada para a sua colocação. Lógico, que ficar em primeiro lugar massageia o ego, entretanto, a nossa conquista estava na sua representatividade, trajetória e esperança no respeito às diferentes formas de se produzir vida.

Estamos conectadas na luta pela inclusão, acreditamos que é na convivência da pessoa com e a sem deficiência que a opressão social irá diminuir, os rótulos e estigmas estabelecidos nos padrões corponormativos podem perder força e o desporto pode ser o local para esse encontro. Garantir que todos tenham acesso às práticas esportivas, pela voz da atleta-guia, “trabalhar com a pessoa com deficiência dá trabalho porque nossa sociedade não está adaptada, então, demonstram estarem fazendo um favor. Hoje eu sei que não é caridade e, sim, direito. Temos que dar a oportunidade, independente da idade, para a pessoa com deficiência desenvolver o seu potencial, deixar a vergonha de lado, aceitar o seu corpo e nada melhor que o esporte para alcançar isso. O esporte mudou a minha vida”.

Diante desta colocação nos minutos finais do nosso encontro, passou um filme, ou melhor, um mar pelo meu corpo, com todos os contornos, profundidades, correntezas e intensidades. Nesse mar começou o sonho de criança - farda, a luta para entrar na marinha, o pulo para a aeronáutica, do afogamento para a psicologia, da deficiência para a natação, da vitória da travessia para o ouro do arremesso de dardo, na incerteza de se tornar uma atleta e retornar a caserna, a conquista de uma nova vida e em suas ondas surfar com a equipe. A cartografia de uma vida, ou melhor, de várias vidas entrelaçadas num campo de força e, ao traçar novos mundos alcançar novos modos de existências, somos nós produzindo vida em ato.

“Eu não sou a melhor amiga da água, mas há um respeito, venci o meu pânico e até surfei, rsrsr. Mas aprendi na Aeronáutica que o melhor lugar para admirar o mar é por cima, pelo ar. Gostei!” (ATLETA-GUIA, 2022).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho precisei entender a pessoa com deficiência e o processo de opressão social vivido ao longo da história e, desta forma, compreender o corpo pela forma política, a sua influência na relação de poder e as diversas

modalidades de funcionamento na sociedade como cerceadores de vida daqueles que não estão dentro dos padrões normativos.

Nessa perspectiva, me inspirar na cartografia possibilitou acessar o plano relacional da micropolítica, e, desta forma, trazer as experiências vividas no projeto DesporTO em Ação pela voz da atleta-guia e da sua rede de conexões existenciais para mapear o efeito do projeto na sua produção de vida, no período da pandemia e o seu retorno às práticas desportivas. Ao trabalhar no campo da afetabilidade foi possível operar de forma coletiva e trazer para cena todos os processos de subjetivações reverberados durante os encontros.

De acordo com as narrativas, a transformação sofrida pela atleta-guia ao ser inserida no projeto promoveu a expansão do seu território de ação no mundo, os afetos ativos aumentaram a sua potência de agir como também da equipe e na pesquisadora que afetou e se deixou afetar por essa experiência.

Como pesquisadora, inúmeras vezes meu corpo pediu passagem para uma perfeição maior, fui tomada inúmeras vezes pela paixão alegre, dentro de um sistema de positivities múltiplas norteada por Espinosa. Portanto, não poderia finalizar esse estudo sem uma canção que representasse a conexão dos nossos corpos em movimentos, vivências e ensinamentos, numa adaptação feita por mim a letra da música do Gonzaguinha (1982) O Que É o Que É e, que foram destacadas em negrito e itálico para reverberar o meu corpo vibrátil (ROLNIK, 1989).

“Com o projeto a atleta-guia passou a **viver e não ter a vergonha de ser feliz...** Entendeu que em qualquer idade pode-se identificar com **a beleza de ser um eterno aprendiz...** Mesmo num corpo grávido e paralisado encontrou a vida na **batida de um coração... uma doce ilusão...** Por Espinosa na vida temos **alegria ou lamento...** E, um encontro pode ser **um nada no mundo... uma gota, um tempo... um segundo...** Adquirimos novas relações com o mundo por **atitude repleta de amor...** Nossas afecções sempre em movimento traçam a **luta e prazer...** O esporte trouxe a **vida é viver... a força da fé...** Cada corpo tem a sua produção, **somos nós que fazemos a vida...** No campo da afetabilidade, **como der, ou puder, ou quiser...** a inclusão, **sempre desejada...** liga-me a atleta-guia e, nossas forças existências se apresentam conectadas **com a pureza das respostas das crianças. É a vida, é bonita e é bonita...**” (ADAPTAÇÃO PRÓPRIA AUTORA, 2020).

Referências:

ASSIS, D. N. C. (Nzinga Mbandi). **Interseccionalidades, Gênero, Sexualidade e Educação**. Salvador, 2019.

Brasil, **VIVER SEM LIMITE** – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH-PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), 2013.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CASTRO, C. **A socialização profissional dos militares brasileiros: nota sobre uma investigação antropológica na caserna**. Revista Etnográfica, v. 8, n.1, p. 79/90, 2004.

CELESTINO, S.; MAINENTI, M. R. M. (Org.) **Deficiência e inclusão pelo esporte no contexto militar**. Editora CRV, Curitiba - Brasil, 2021.

CHAUI, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. Marilena Chauí - São Paulo: Companhia de Letras, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 2. 34^a ed. Rio de Janeiro: Letras, 1995.

DELEUZE, G. **Espinosa: Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DINIZ, D.; SANTOS, W. **Deficiência e Discriminação. Brasília**. Editora UnB, 2010.

DINIZ, D. **Deficiência e Políticas Sociais** – entrevista com Colin Barnes - SER Social, Brasília, v. 15, n. 32, p. 237-251, jan./jun. 2013.

DAVIS, L.J. **The Disability Studies Reader**. Editora Routledge, 5th ed, 2016.

FERNANDES, C. **Analisando letras**, blog do Letras, 2021. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/blog/analise-triste-louca-ou-ma/> Acesso em Novembro de 2022.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. 42^a ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2014.

FRANÇA, T. H. **Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social**. Lutas Sociais, São Paulo, vol.17, n. 31, p. 59-73, jul./dez. 2013.

FREIRE, E. **Analisando letras**, blog do Letras, 2021. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/blog/analise-maria-maria/> Acesso em Dezembro de 2022.

GOFFMAN, E. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, 1891. Tradução: Mathias Lambert. 4ª Ed., 2004.

GOFFMAN, E. **Prisões, manicômios e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GOMES, M. P. C.; MERHY, E. E. **Coleção Micropolítica do trabalho e o Cuidado em Saúde**. Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

JÚNIOR, L.; MARTINS, M. C. (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

JUNIOR, C. O. G; FRAIMAN, P. H. A. **Neurologia & COVID-19**. Um manual para profissionais de saúde e pacientes neurológicos sobre o COVID-19. 1ª Edição. Março, 2020.

LEITÃO, A. CIF. **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. Organização Mundial da Saúde. Direção-Geral da Saúde, Lisboa, 2004.

LOPES, P. H.; SOLVALAGEM, A. L.; BUSSE, F. G. M. S. **Em vista da coligação: a interseccionalidade como ferramenta da luta anticapacitista, antirracista e antissexista**. In: GESSER, M. et al (Org.) Estudos da deficiência anticapacitismo e emancipação social. cap. 7. Curitiba: CRV, 2020.

MERHY, E. E.; ONOCKO, R. **Agir em Saúde**. São Paulo: Editora Hucitec; 1997.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec; 2002 (Saúde em debate, 145).

MERHY, E. E. “**O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido**”. In: FRANCO, T. B; PERES, M. A. A. (Org.). Acolher Chapecó. Uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho. São Paulo: Editora Hucitec, 2004, v. 1, p. 21-45.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Diálogo (bio) político sobre alguns desafios da construção da Rede de Cuidados à Saúde da Pessoa com Deficiência do SUS**. Brasília – DF, 2014.

MOEBUS, R. N.; MERHY, E. E.; SILVA E. **O usuário-cidadão como guia. Como pode a onda elevar-se acima da montanha?** In: Slomp Junior, H. et al (Org.), Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes (v.1, pág. 43). Hexis, 2016.

MOREIRA, N. X.; SILVA, R. E. A.; CELESTINO, S. **Habitus militar: reflexões sobre os sujeitos da caserna**. Revista da Escola Superior de Guerra. (v. 35, n.74, p. 33-50), 2020.

MOREIRA, R. **O bailar de corpos dissonantes. Quando corpos dissidentes proclamam seus lugares de dança.** Coluna Re-existir na diferença. Agosto, 2020.

ONU BRASIL. **Primeiro relatório da ONU sobre deficiências e desenvolvimento aponta lacunas na inclusão.** 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/primeiro-relatorio-da-onu-sobre-deficiencias-e-desenvolvimento-aponta-lacunas-na-inclusao/>. Acesso em fevereiro de 2021.

PELBART, P. P. **Poder sobre a Vida, Potência de vida.** In: Vida Capital: ensaios de biopolítica, Iluminuras, 2003.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo. Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, S. Trechos de Suely Rolnik: **Cartografia Sentimental, transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo. Estação Liberdade, 1989.

SILVA, R. R.. **Entre a caserna e a rua: o dilema do “pato”. Uma análise antropológica da instituição policial militar a partir da Academia de Polícia Militar D. João VI.** Niterói, 2009.

SIQUEIRA, D.; DORNELLES, T. G.; ASSUNÇÃO, S. M. **Experienciando capacitismo: a vivência de três pessoas com deficiência.** In: GESSER, M. et al (Orgs.) Estudos da deficiência anticapacitismo e emancipação social. cap. 8. Curitiba: CRV, 2020.

SLOMP, J. H.; MERHY, E. E.; ROCHA, M.; BADUY, R. S.; SEIXAS, C. T.; BORTOLETTO, M. S. S.; CRUZ, K. T. **Contribuições para uma política de escritura em saúde: o diário cartográfico como ferramenta de pesquisa.** Athenea Digital, 2020.

SOUSA, C. A.; OMENA, A. C. **A mídia e o paradesporto; a representação do para-atleta no site globoesporte.com,** 2015.

VIANNA, G. N. **Ruídos e Silêncio: uma análise genealógica sobre a surdez na política de saúde brasileira.** Campinas, São Paulo, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **World report on disability/ Relatório mundial sobre a deficiência.** Publicado pela Organização Mundial da Saúde, 2011; tradução Lexicus Serviços Linguísticos, São Paulo: SEDPcD, 2012.

ANEXO I

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

(De acordo com as Normas das Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada “Usuária-guia: a prática do esporte e a produção de vida para a pessoa com deficiência”, cujo objetivo é mapear a produção de vida e conexões de redes existenciais após a entrada no projeto de extensão e a introdução da prática esportiva ao seu cotidiano.

Ao dar ciência e anuência da sua participação na referida pesquisa qualitativa de abordagem cartográfica, você autorizará a utilização de um diário cartográfico, e o agendamento de encontros e entrevistas que serão gravados em mídia digital e, posteriormente, analisados pela pesquisadora.

A proposta do presente documento é esclarecer sobre o estudo, assegurar os seus direitos como participante, assim como, estabelecer a sua permissão para que os resultados da pesquisa sejam disseminados e publicados em meios acadêmicos e científicos preservando o anonimato da sua identidade, ou seja, sem que haja a sua identificação. É assegurado o seu direito de conhecer e acompanhar os resultados dessa pesquisa sendo disponibilizados ao longo do processo e quando a pesquisa estiver finalizada.

Em acordo com o Art. 17 da Resolução nº 510/16, toda pesquisa que envolve pessoas implica riscos, ainda que mínimos, incluindo possíveis constrangimentos, contudo, esta pesquisa prevê a garantia à participante em interromper as dinâmicas a qualquer momento, sem penalizações.

Ainda, reitera-se que, para minimizar os riscos, será assegurada a utilização de um codinome e que nenhum dado possa identificar você sem a sua autorização. Ademais, no processo de pesquisa a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconfortos e/ou constrangimento, garantirá local reservado para os encontros e total liberdade para que você não responda questões que considere constrangedoras, podendo, como informado anteriormente, interromper a dinâmica a qualquer momento, sem penalizações.

Embora não haja benefício direto, este estudo pode proporcionar um melhor conhecimento sobre a pessoa com deficiência e a prática esportiva e, o seu efeito na construção de uma sociedade mais inclusiva.

A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não acarretará nenhuma penalidade e, terá a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será disponibilizada. A sua participação neste estudo é totalmente voluntária e não implicará nenhum custo para você, e, como voluntário, também não receberá qualquer valor financeiro/ressarcimento para participar desta pesquisa.

Você receberá este termo com o e-mail de contato dos pesquisadores que participarão da pesquisa e do Comitê de Ética em Pesquisa - órgão que controla as questões éticas das pesquisas na instituição e tem como uma das principais funções proteger os participantes de qualquer problema. Esse documento possui duas vias, sendo uma sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética (CEP) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CEP-CFCH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): Avenida Pasteur, prédio da Decania do CFCH, 3º andar – sala 30, Campus Praia Vermelha, Botafogo, Rio de Janeiro/RJ, CEP – 22290-250. E-mail: cep.cfch@gmail.com, telefone: (21) 3938-5167.

Consentimento da autorização voluntária

Eu, _____, CPF _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas, concordo em participar do estudo intitulado “Usuária-guia: a prática do esporte e a produção de vida para a pessoa com deficiência”, e, dou permissão/autorização voluntária para o uso dos meus dados e procedimentos nele envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro que entendi os objetivos, os riscos e os benefícios da pesquisa, e os meus direitos como participantes da pesquisa e autorizo o uso dos meus dados no projeto.

Nome da participante da pesquisa

Data: __/__/__

Assinatura da participante

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Pesquisadora responsável: Marcelle Carvalho Queiroz Graça

Tel: (21) 987481516 / CPF: 072156367-80 / marcellegraca@gmail.com

Pesquisadora participante: Nereida Lucia Palko dos Santos

Tel: (21) 970224852 / CPF: 028014357-59 / nereidapalko@gmail.com

ANEXO II

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM / VOZ:

Eu, _____, CPF _____, após conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Marcelle Carvalho Queiroz Graça e Nereida Lucia Palko dos Santos do projeto intitulado **“Usuária-guia: a prática do esporte e a produção de vida para a pessoa com deficiência”**, utilizar minha imagem e/ou voz, em fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada com fins científicos e /ou educativos.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e/ou voz acima mencionado em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: trabalhos acadêmicos, artigos científicos, banners de congressos, seminários, desde que estejam relacionados com a divulgação do projeto e dos achados da pesquisa.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a de outro por mim autorizado, podendo essa autorização ser retirada a qualquer momento sem prejuízo da relação entre participante e pesquisador/ UFRJ, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Rio de Janeiro, ____ de ____ de ____.

Assinatura da participante

Pesquisadora responsável: Marcelle Carvalho Queiroz Graça

Tel: (21) 987481516 / CPF: 072156367-80 / marcellegraca@gmail.com

Pesquisadora participante: Nereida Lucia Palko dos Santos

Tel: (21) 970224852 / CPF: 028014357-59 / nereidapalko@gmail.com